Collecção Antonio Maria Pereira
G. de Caires
A Dança do Destino

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes
in-8.º, de 200 a 300 paginas
impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes
53 e 54 — Memorias do carcere
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reproducção zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reproducção como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — sEgotado
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pier reLoti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

LUTHGARDA GUIMARÃES DE CAIRES

A Dança do Destino

Contos e Narrativas

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
44 — RUA AUGUSTA — 54
1913

CHUVA DE FLORES

CHUVA DE FLORES

I

Passa o destino, em nuvens condensadas,
dançando pelos mundos, sem cansar,
e do jardim de estrelas, ás braçadas,
myríades de flores lança no ar,

lindas, alegres, tristes ou fanadas.
As sementes das flores vêm tombar
na vida que desponta, e mergulhadas
ali, ficam p'ra sempre a germinar.

Eis o que faz a dança do destino:
No ar que se respira em pequenino,
faz-nos beber a flor da nossa sorte.

Seja a violeta, a rosa, o cravo, o lirio,
o goivo, o malmequer, ou o martyrio,
floresce, sempre, em nós até á morte!

II

Se a flor é graciosa e nacarada,
a vida passa leda e sem canseira,
a florir numa esp'rança feiticeira,
nas canções d'uma aurora perfumada.

Porém, se é flor altiva e delicada,
o orgulho já nos fere; e a sementeira
não é das mais felizes!... Sobranceira
magôa-nos a vida, por um nada...

Mas ai! se do martyrio é a semente,
o ar que se respira, tristemente,
é feito só de lagrimas e ais!

E então, esse Destino, dominante,
na sua dança louca e revoltante,
dá-nos só essa flor... e nada mais.

A ROLETA

A ROLETA

I

Jayme n'esse dia chegou mais tarde.

Muito animado, quasi alegre. Sentou-se á mesa, á modesta mesa onde, ao terminar o magro jantar de todos os dias, costumava fincar os cotovelos, e, de cabeça entre as mãos, ficava-se a scismar, até por vezes adormecer, esvahido e cansado de procurar, em vão, a solução do inextricavel problema da sua vida.

Mas n'aquele dia estava mudado. Tinha phrases mysteriosas, promessas vagas, gestos eloquentes e persuasivos em que se manifestavam esperanças de proximas e definitivas transformações na sua vida.

Beijava o pequeno, que alegremente lhe saltava nos joelhos, e em phrase breve mas convicta dizia-lhe:

— Deixa estar, meu amor, que ainda terás muitos brinquedos!

A mulher olhava-o surprehendida e inquieta, esboçando um pálido sorriso em que a esperança vagamente transparecia.

— Mas o que ha, afinal? — perguntava ela.

E o marido, muito animado, respondia:

— Olha, minha filha, não te posso dizer mais nada por ora, mas crê que toda esta miseria vae acabar... Nós tambem havemos de ter o nosso S. Martinho!

Ela então, n'uma desconfiança que desejaria occultar, retorquia:

— Pois sim... mas ámanhã? O que faremos nós ámanhã? Não temos nada, nada!...

E soluçava:

— Já não nos fiam!... á noite não temos luz... ámanhã não teremos pão!...

Êle ergueu-se de repelão, o olhar brilhante, onde a esperança punha fulgurações alegres, envolvia-a cariciosamente, e, caminhando para ela, abraçou-a ternamente, dizendo-lhe:

— Martha, não te aflijas mais, crê em mim! todo este inferno de vida vae terminar ámanhã. Tem paciencia! em breve saberás tudo.

Dirigiu-se em seguida para a porta e, quasi a transpô-la, enviou-lhe um beijo, repetindo:

— O nosso S. Martinho vae chegar!...

II

Levava cinco mil réis no bolso. Cinco mil reis! Porque os não entregou á mulher? Que consolação para a pobre Martha, se o tivesse feito!

N'aquela casa, onde havia tanto tempo não entrava tal quantia, representaria uma pequena fortuna, e traria com ela uns lampejos de conforto.

Porque não disse, pois, á pobre creatura que tinha aquele dinheiro? Porque lh'o não entregou?

E' que êle tinha a sua ideia!... aquela grande ideia que o transformára, que representava, talvez, a salvação de todos! Aquele dinheiro, ia jogá-lo.

Ia tentar a sorte com êle e tinha a certeza que havia de ganhar.

Se o mostrasse, se communicasse a sua resolução, decerto a mulher se oporia, e adeus fortuna, adeus felicidade!

Tudo se perdia, era mais que certo, porque Martha não consentiria que êle fosse jogar o pão que faltava em casa.

Sim, mas o pão de pouquissimos dias, n'uma economia reles e miseravel, e, findos êles, viria a fome, essa negra e pavorosa fome que ha tanto os ameaçava!

Escusava, pois, de sentir a mais tenue sombra de um remorso, porque êle não teria tão cedo a probabilidade de arranjar quantia igual.

O pequeno tinha as botas rotas; era preciso comprar outras.

Á pobre mulher, tão meiga, tão linda como fôra, hoje fanada pelo sofrimento, vergando ao peso da miseria, triste e abatida, tão nova ainda e já envelhecida pela desgraça, nem podia levá-la a tomar um pouco de ar, porque nem quasi tinha já que vestir. Era atroz! era barbaro esse destino maldito que assim se obstinava em persegui-los!

Havia apenas cinco annos, não o podia esquecer. Parecia-lhe ainda estar a vê-la, essa querida Martha, ainda muito alegre, com a sua linda pelle muito branca, as frescas rosas nas faces, que disputavam a primazia da beleza ás rosas do seu gracioso chapeu, aquele chapeu muito garrido que lhe ficava tão bem! E o vestido? Como se lembrava ainda! Modesto, sim, mas muito airoso, de uma elegancia fina, de requintado esmero, colarinho de renda, todo aquele conjuncto encantador, que fazia o seu orgulho de marido feliz, nos dias em que sahiam juntos, muito risonhos, acariciando o futuro que se lhes apresentava alegre e prometedor.

Oh! que diferença de tempos! Apenas cinco annos se tinham passado, e como tudo estava mudado!

Então viviam êles, noivos ainda, n'uma casinha dos arredores, alegre como uma manhã de abril.

O sol acordava-os logo de manhãsinha, entrando-lhes pela janela dentro, e então Martha começava no arranjo do seu ninho perfumado, onde nunca faltavam as rosas viçosas a enfeitar o *atelier* d'êle. O seu belo *atelier*, que era mesmo um brinquinho!

N'esse tempo trabalhava com amor. Os seus quadros eram vendidos razoavelmente e a sua vida decorria serena e feliz.

Mas eis que a doença lhe entra em casa, e brutalmente o derruba. O trabalho cessou. As economias foram-se.

Larga foi depois a convalescença, e quando, emfim, a mocidade triumphava, cahia exausta a pobre Martha, moída de trabalho, das longas vigilias, das

lagrimas que nas noites de angustiosa espectativa a tinham dilacerado.

Depois do nascimento do filho, a pobre flôr, vergada aos vendavaes do infortunio, ergueu-se, emfim, mas fraca e estiolada como uma pálida sombra do que fôra.

Começou então o grande calvario dos dois infelizes.

Assim foi que êle, acabrunhado pela desdita, vendo escassearem-lhe os compradores para os seus quadros, porque os não tratava e sahiam-lhe obras imperfeitas, começou a aborrecer o trabalho.

Aquellas obras abominaveis, feitas só com o pensamento nos magros tostões que lhe trariam, detestava-as.

Vendo-se desdenhado no seu trabalho, veio-lhe a revolta pela miseria que começava e um tedio invencivel pela unica fórma que tinha de a debelar.

Fez-se preguiçoso e indolente. E, pouco a pouco, essa miseria que o enervava, invadia-lhe a casa, com todo o cortejo dos seus horrores.

III

Agora a caminho da casa de jogo, impelido pela mão fatal do desvarío, mas com a recordação saudosa d'esse passado tranquilo, e ancioso por um futuro que lh'o fizesse voltar, caminhava açodado pelo pa-

vor do presente e fechava os olhos para não vêr o triste quadro da realidade. Mas debalde; porque á medida que se distanciava d'aquela casa, onde deixára a aflicção e o desanimo, dançavam-lhe no cerebro todas as cousas disformes que o enlouqueciam.

E lá ia perseguido pelo chapeu de rosas desbotadas, n'essa absorvente visão que o torturava....

Depois, os pequeninos pés do filho, que êle quereria envolver de beijos, a sahirem pelas botas rotas, via-os n'uma cruel obsessão, pousados sobre as rosas emmurchecidas, que tombavam desfolhadas...

IV

Mas que frio que o fazia tiritar, agora, n'esse gelado mez de dezembro, e quasi o tornava corcovado, tão encolhido andava no misero abrigo do seu ridiculo casaquinho, já no fio!...

Ai, a sua pobre e miseravel vida!

E ainda havia de hesitar? Êle! que lhe era preciso afectar uma philosophia, que estava longe de ter, para afrontar serenamente, quando sahia á rua, os olhares odiosamente compassivos dos amigos que encontrava!...

Aqueles cinco mil reis iam transformar tudo n'essa noite memoravel. Não seria talvez n'um cau-

dal de felicidades, mas, sem duvida alguma, n'um estado muito parecido com o conforto.

Era a primeira vez que ia jogar, e na primeira vez toda a gente ganha. E êle merecia-o bem, porque aquele dinheiro tinha-lhe custado... lagrimas até!...

Como o tinha arranjado?

V

N'esse dia levantou-se muito cedo, mais ralado e aflicto que nunca. A tosse da pobre Martha recrudescia; nem o deixára dormir. Vira-a vagueando pálida e oprimida n'aquela casa fria e desconfortavel, comprimindo o peito com as mãos transparentes, a querer impedir a tosse, que o despertava. Assaltou-o o remorso. Pois quê? êle, um homem válido, deixava assim covardemente sossobrar-lhe o animo, esvahirem-se-lhe todas as energias, sumir-se-lhe a coragem nas sombras tenebrosas da miseria!...

Não! era preciso travar de novo a lucta com a sorte adversa e morrer, ou vencer.

Sahiu decidido a tudo tentar.

Levava o seu ultimo quadro; vendê-lo-hia para esse dia e depois iria oferecer-se para qualquer tra-

balho, fôsse o que fôsse; estava decidido a tudo tentar. Até mesmo a oferecer-se para pintar portas, o que ainda lhe revoltava o seu orgulho de artista, até lhe pôr calafrios de agonia... Mas não! era preciso esmagar esse reprehensivel orgulho, porque as duas ultimas cadeiras tinham sido vendidas e quasi um miseravel mendigo, como êle, não póde, nem deve ter orgulho...

Esse quadro! Como êle quereria conservá-lo! O pequenino quadro, que nunca tinha querido vender! Recordação adorada, recordação de encanto dos seus primeiros dias de noivado!

Lá tinha ainda entre as mãos a deliciosa paysagem, tirada d'um belo poente, trabalho que fôra interrompido, tantas vezes, pelos beijos da noiva, d'aquela querida Martha, tão graciosa e gentil, a verdadeira inspiradora do encantador quadrinho!

Quanta alma, quanto amor ali não tinha posto! Lá estavam as nuvens, num ceu de suavissimo azul, doiradas pelos beijos do sol que se despedia, completando o fundo de um ridente vergel, onde, quasi occulta pelas clematites, as glycinias e a madre-silva em flôr, alvejava uma casinha rustica, um ninho de amôr e poesia...

Levou-o sem que a mulher visse, sem coragem de lh'o dizer. Era preciso, não podia hesitar mais.

E aquela reliquia, aquela doce recordação de tempos que não voltariam, vendeu-a... por cinco mil reis!...

As mãos tremiam-lhe ao pousar o seu precioso quadro no balcão do uzurario, e sahiu lançando-lhe

um ultimo olhar, marejado das lagrimas da saudade, n'um adeus de felicidades extinctas...

VI

Corria já para casa a levar a sua pequena fortuna, quando foi assaltado pela ideia de tentar a sorte com esse dinheiro.

Travou-se então uma lucta medonha, no seu espirito, entre o dever e a tentação... Venceu esta por fim.

Vagueou então ao acaso, para não ter de se demorar em casa. Chegaria á hora do jantar e sahiria em seguida.

Era preciso guardar bem o seu segredo, e êle duvidava da sua força de vontade perante a necessidade immediata de remediar aflicções de momento.

Tinha medo de se trahir, e depois quando arranjaria tal quantia? Seria atroz perder assim tal ocasião.

O que êle agora nem comprehendia, era como lhe tardára tanto essa ideia salvadora! Chegava a ser inacreditavel como só agora lhe surgisse aquela solução!

Emfim, tudo correu bem, agora estava livre. Mãos á obra e coragem!

*

VII

Nunca tinha ido a uma casa de jogo.

Entrou sorridente.

Cumprimentou muito amavelmente, não podendo comprehender o aspecto d'aquelas pessoas carrancudas que rodeavam a banca e nem repararam n'elle.

Que estranhas phisionomias! Feições contrahidas, olhar vago e amortecido n'uns, duro, agressivo e quasi ameaçador n'outros.

Muitos perdiam, é verdade, mas tambem alguns ganhavam, e comtudo, em todos, a expressão era estranha e repelente!

Dos banqueiros é que êle tinha uma certa pena, coitados! Recebiam a todos bem, e afinal ninguem lá ia sem a intenção de lhes levar o dinheiro d'êles. Até êle proprio, que assim pensava, o que ia lá fazer?

E contrariava-o um tanto a ideia de lhes ser desagradavel, aos bons homens, os unicos que o olharam risonhos.

Não, que entrar-lhes assim um sujeito pela porta dentro e d'ahi a pouco levar-lhes avultadas quantias, era graça!... Ora! que tolice! não fazia, nem mais nem menos, que os mais.

Agora preocupava-o a ideia de que êles, desconfiados da sorte que o acompanhava, lhe não trocassem a nota.

Já ia ver. Tambem não valia a pena preocupar-se com isso. Se tal sucedesse, jogá-la-ia inteira.

— Faz favor, troca? em corôas. — disse êle muito atenciosamente.

Não houve objecção alguma. A nota foi prontamente trocada. Muito boas pessoas, não havia duvida.

— Apenas uma corôa no 36.

— Trinta e seis — grita o banqueiro.

Tinha ganho 18$000 réis.

Teve vontade de se ir embora e voltar na noite seguinte.

Já chegava para comprar as botas ao filho e substituir o chapeu da mulher... mas, e para o mais?...

— Mais dez tostões no 36.

Ganhou novamente.

Agora sim, tambem teria um belo sobretudo. Era tempo. Já não podia suportar tanto frio.

— Vá lá mais 5$000 réis no 36.

O numero tornou a repetir. Ganhou. Que deslumbramento!...

Êle bem sabia que havia de ganhar!

Porque motivo esse tremor nas mãos e aquele zumbido nos ouvidos? Era preciso moderar a sua alegria e aproveitar a sorte, que talvez não voltasse mais.

E apanhava o dinheiro, metia-o nos bolsos, apressado, febril, ancioso, antes que a bola cahisse sem êle ter posto, nos numeros de palpite, que eram agora quasi todos.

Os pontos sorriam-lhe, acenando com a cabeça, que muito bem! diziam até uns para os outros, que aquilo é que era saber jogar!... e varios outros comentarios que, fazendo-os em voz alta, o lisongeavam em extremo.

Êle agora, era um velho conhecido da casa, um amigo estimado, pois então? presentia-o.

Como é que chamavam a um tal paraizo uma casa de perdição?!

Ai que tôlo fôra em não ter lá ido ha mais tempo! Bem lhe importava com o mal dos banqueiros! Tambem êle já passára bem maus bocados e ninguem tivera dó d'êle!

Jogaria, jogaria sempre, até levar a banca *á gloria!*

Ah! até que emfim! N'uma só noite readquiriria o que, nem nos seus tempos de felicidade, nunca tivera.

E que tivera êle? Uma reles mediania, comesinhas ambições, que nem eram proprias de uma alma grande, como a sua.

Vegetava, que diabo! Agora sim, é que ia viver! Agora é que iria desforrar-se de toda essa vida de aborrecido trabalho, e voltaria todas as noites a jogar, e depois, ao recolher ao seu palacio — porque havia de ter um palacio — quando sahisse do seu automovel, — porque teria automovel — atiraria fóra o charuto de cinco tostões, porque a mulher não podia

suportar o fumo, e as notas cahiriam em montes aos pés da querida mulherzinha, que já não estaria doente mas sim mais linda e fresca do que outr'ora, porque o conforto e a opulencia haviam de operar esse milagre.

E emquanto estas ideias lhe esfuziavam na mente escandecida, jogava, jogava loucamente, pondo montes de dinheiro sobre os numeros, sem mesmo contar.

VIII

Agora perdia, mas que importava, tinha ali tanto, tanto!...

A sorte era d'êle. Havia de voltar.

Já agora tinha de recuperar o que havia perdido, não se iria embora sem levar o dinheiro todo.

Ah! bem via a sorte a fazer-lhe negaças! queria experimentar-lhe a coragem... E êle havia de desistir estupidamente, levar tão pouco, quando já tinha possuido tanto? Isso era o que os banqueiros queriam! Mas n'essa é que êle não cahia!

Já procurava nas algibeiras.

....

Arrepios percorriam-lhe as costas.

Que significava aquilo? era impossivel que tivesse perdido assim!

Tê-lo-iam roubado? Êle bem tinha visto, quando a sorte estava no seu auge, que alguns vizinhos lhe

iam escamoteando umas corôas, que êle generosamente fingia não vêr, mas o que era isso? nada. No entanto, as moedas que lhe restavam, tinha-as todas na mão.

Pôz-se então a contá-las. 5$000 réis! O dinheiro que trouxera! Mas que horror! Tinha então perdido já imenso dinheiro!

Mas êle iria readquirir tudo, pois com igual quantia é que tinha ganho. Só queria 500$000 réis. Em os tendo, sahiria. Pertenciam-lhe de direito, já tivera mais.

Fôra ambicioso, era bem feito. Agora prometia, jurava até, que em tendo ametade d'aquela quantia, retirar-se-ia e não voltaria mais.

Renunciava aos seus sonhos ambiciosos. Só o necessario para poder procurar trabalho e instalar-se decentemente, como um artista que era.

Que demonio! Não era pedir muito. Com esse confortosinho, poderia esperar. O trabalho havia de aparecer e a felicidade tambem.

Oh! sim! devia tornar a ganhar. Pois não era tão justo? e acentuava esta pergunta no seu pensamento, como que a convidar assim a sorte a dar-lhe toda a razão.

D'ali em diante seria cauteloso, só jogaria com moedas de 200 réis e em tres numeros apenas. A sorte ia recompensá-lo da sua paciencia e da sua resignação.

Mas os cinco mil réis extinguiam-se e a sorte continuava a zombar d'êle.

. . . .

As mãos tremiam-lhe, soltava phrases de indignação por cada moeda de 200 réis que se submergia nas ondas de prata que a levavam.

Os pontos olhavam-no trocistas.

— Pudera! — diziam êles — pois se êle não sabe jogar! que grande tumba! porque se não retirou a tempo? tudo quiz, tudo perdeu; é bem feito!

Mal distinguia já os olhares ironicos com que o fitavam e ouviu uma voz de mulher dizer:

— O' João! já reparaste que o candieiro está voltado?

Aquilo deveria ter qualquer significação oculta, porque um rapaz, que estava proximo, levantou-se muito enfadado, resmungando:

— Que azar de typo, safa!

Os que ha pouco lhe tinham surripiado algumas moedas, agarravam agora, desconfiados, no dinheiro que tinham na frente e murmuravam:

— O seguro morreu de velho!

Pousou a mão distrahidamente nas costas da cadeira d'um sujeito, que estava assentado ao seu lado, e logo o outro se levantou furioso, exclamando:

— O' senhores, que calor! não póde uma pessoa respirar!

Passou para o outro lado. Uma rapariga, ria muito, com um riso franco e sonoro, e ao vê-lo ao pé, disse baixo para um rapaz que a acompanhava:

— Cá vem o esgrouviado trazer-nos o azar! Ora! deixá-lo... se assim fôr, raspamo-nos.

Êle agora estava quasi encostado ao *croupier*, estendia o braço para colocar a moeda de 200 réis,

quando o proprio *croupier* se volta enjoado para êle e lhe diz:

— O senhor está a incommodar-me! não me deixa *trabalhar!*...

Um cavalo no 12! Era d'êle. Até que emfim! Ia para retirar o dinheiro, mas uma enorme mão, de unhas sujas, dedos escuros e asperos como garras, pousou com força sobre a mão d'êle, cravando-lhe as unhas infectas nos dedos, emquanto uma voz pavorosa bradava:

— E' meu!

Atrapalhado, não tendo já a certeza se seria ou não d'êle, desculpava-se:

— Eu pensava...

Mas o terrivel ponto retorquiu logo:

— Pensava o quê? o que é que você pensava?... O que você queria sei eu!...

E uma velha, defronte, levantando os oculos para a testa, sem receio algum de o melindrar, fitava-o com um olhar atrevido e dizia, abanando a cabeça:

— E' preciso muito cuidado com os larapios! Hoje em dia ha tanto modo de vida!...

Que vergonha! já lhe chamavam ladrão!

E foi preciso vir áquela baiuca infame, êle, um artista honrado, tendo quasi luctado com a fome, sem nunca lhe ter perpassado pelo espirito a ideia de roubar um pão, fôra preciso ali vir, para desconfiarem da sua honra!

Maldita velha! Se pudesse, matava-a!...

Mas os ditos choviam em volta d'êle; arrastavam-se as cadeiras.

Os pontos olhavam-no enojados.

Sujeitos que perdiam, tomavam-no para bode expiatorio e diziam convencidos:

— Pudera não perder! Com tal vizinho... Olhou-me, prompto! Que azarento estafermo!

Meteu a mão no bolso, sentiu frio.

Só tinha tres moedas de 200 réis.

— Os meus cinco mil réis, meu Deus! Os cinco mil réis do meu quadro e nada mais. Depois juro, juro por Deus, juro pela minha honra que não voltarei mais a este inferno, e de ámanhã em diante, o meu trabalho me levantará. Tenho sido um criminoso, com esta miseravel fraqueza de espirito! O assassino de minha mulher, o indigno pae do meu filho!... Ainda que passe aqui a noite, jogando ás côres, tostão a tostão, hei de readquirir esses cinco mil réis que roubei aos meus. A sorte que me restitua esse dinheiro, as botas para a criança, o pão de ámanhã, e nada mais quero, nada mais! 200 réis no encarnado, é a côr da alegria, deve trazer-me fortuna!

— 20, preto, grita o banqueiro.

— Era no preto que eu devia ter jogado! pois se é a côr da tristeza, que me rala!...

— 30, encarnado!...

E aquelas duas côres cruzavam-se n'um galope vertiginoso. Era o vermelho do inferno, era o negrume fatal da desgraça que o empurravam brutalmente para o abysmo escancarado, onde se despenhavam todas as suas esperanças.

E n'aquele cahos que lhe entorpecia o cerebro,

sentia as fontes latejantes e o suor frio da agonia perlando-lhe a fronte. Jogava a ultima moeda.

— Zero.

Foi-se tudo, tudo. Era o desmoronamento de todos aqueles castelos architectados havia mais de 12 horas, de todo esse mundo de ambições, de esperanças, de soberba, no pelago das torturas e humilhações, que decerto lhe tinham tornado essas malditas horas as mais fatigantes e crueis de toda a sua vida.

Oh! maldito jogo! E as moedas dançavam-lhe diante dos olhos, n'uma dança macabra, tilintando gargalhadas sardonicas! E via bocas disformes a rirem, n'uns esgares diabolicos e medonhos, que o enlouqueciam! Uns pezinhos, roxos do frio, lhe apareciam a sumirem-se n'um sudario branco, que os ia envolvendo, emquanto a fronte pálida de uma mulher, pendida sobre êles, tentava aquecê-los, com os seus labios resequidos pela febre, e a sua voz enfraquecida murmurava:

— Jayme, Jayme! porque não vendes o quadro? O nosso filho morre de fome!...

Formaram-se-lhe soluços na garganta, olhou em volta, tôrvo e desvairado, e agitando os braços, gritou enlouquecido:

— Ladra! ladra de sorte! quero o meu dinheiro, os meus 5$000 réis!

Luzes, como fogos fatuos, rodopiavam ante os seus olhos, alumiando todas aquelas caras pálidas de olhares coriscantes, que o perseguiam, com um cascalhar de risadas pavorosas, de mistura com soluços estrangulados... Braços esqueleticos estendiam-se,

agarravam-no mãos descarnadas e os ossos dos dedos chocavam-se apontando-lhe a sahida!...

IX

Já na rua, sem saber como o tinham posto fóra, o ar refrescou-lhe a fronte esbraseada.

Agora tremia de frio.

Uma vozita de creança choramingava proximo:

— Cinco reisinhos, pelo amor de Deus! Tenho fome!...

Era um pequeno mendigo. Tinha fome! E o seu filho, têl-a-hia no dia seguinte... Mas então êle, o pae, o homem cheio de vida e mocidade, para que servia? Ouviu uma voz que lhe bradava:

— Trabalha, miseravel! mostra que não serves só para roubares o pão de teu filho, lançando-o, n'um momento de desvario, sobre a ignobil banca da roleta!... Trabalha! Sim, sim, trabalharia. Só poderia lavar essa mancha, que o deshonrava, morrendo a trabalhar! Morreria no seu posto, ou venceria.

E agora que lhe voltára a energia de outr'ora, agora que tão rudemente castigado fôra, pela sua repugnante fraqueza, como lhe seria facil trabalhar, se possuisse ao menos o necessario para uns dois dias, emquanto procurava o trabalho! Como se consideraria feliz com o dinheiro que lhe tinham dado

pelo seu quadro, e que êle levara para aquele antro maldito!

Sahia um rancho da casa de jogo; uma rapariga ria e falava alegremente, dando o braço a um rapaz.

De repente, estacou.

— O' coitado! disse ela — olha! é o maluco dos 5$000 reis! Êle a mim não me deu azar, mas sempre tem uma telha!

Cahiram 200 reis aos pés do pequeno. Jayme, por um movimento involuntario, olhou, e emquanto o pequeno os apanhava e desaparecia correndo, pensava:

— Se eu tivesse dois tostões!...

A rapariga olhava-o entre compadecida e trocista. Passou-lhe ao pé, e de repente, com uma grande gaiatice, exclamou, segurando-lhe no casaco:

— Este hoje não paga a ceia, com certeza. Só lhe ficou o cotão no bolso... pateta!...

Depois afastou-se a rir doidamente.

Batiam 2 horas da madrugada. O frio era intenso, ao longe soavam ainda as risadas da rapariga...

Começou então a caminhar ao acaso. Batia o queixo n'uma convulsão nervosa. O frio quasi lhe tolhia o passo.

Insensivelmente encaminhou-se para casa. Lá dentro a completa escuridão e a mulher aflicta, sem luz, velando ainda, tinha a certeza d'isso.

Como êle se sentia criminoso! Aquele dinheiro, miseravelmente perdido, como iria minorar tamanho infortunio!

— Covarde, covarde que eu sou! — rouquejava, com o coração a saltar-lhe do peito, confrangido pela miseria que o esperava.

Encaminhou-se, vacilante, para a porta. O luar fazia brilhar as pedras humidas da calçada.

Levantou os olhos ao Ceu, n'um ultimo apêlo á piedade divina, e, ao tirar o lenço para enxugar o rosto humedecido pela geada, cahiu-lhe do bolso um papelinho, dobrado. Surprehendido, apanhou-o.

Sonhava, ou era ludibrio de uma alucinação? Uma nota de 5$000 reis!... Pasmado e trémulo, fitou aquela fortuna inesperada... Duas lagrimas soltaram-se-lhe dos olhos, até ali resequidos, e deslisando suavemente pelas faces pálidas, iluminadas pela lua, foram cahir no abençoado papel...

Tinha comprehendido.

— Uma esmola! — soluçava êle — a boa rapariga!...

Sim, a boa rapariga, que, escondendo o grande coração n'um pobre corpo perdido, fingira zombar d'êle, ao meter-lhe a nota na algibeira, para o não envergonhar com a esmola e... para que se não rissem d'ela!...

Subiu os degraus a dois e dois, precipitando-se para o pobre quarto. Apenas uma nesga de luar alumiava o leito onde estava, meio deitada, a pobre Martha, de olhos abertos, anciosa, esperando-o...

— Perdoa, minha filha, — dizia-lhe êle, mostrando-lhe

a nota, — hoje só isto... ámanhã, hei-de ter trabalho, ámanhã...

Mas ela, interrompendo-o, com um sorriso de inefavel alivio, lançava-lhe os braços em volta do pescoço, exclamando alegremente:

— 5$000 reis! Que felicidade!...

OS CADILHOS

OS CADILHOS

I

O pae morreu tinha a pequena tres annos.

A mãe ficou pobre e desamparada de afectos, com um filho e uma filha.

Lia foi para a companhia de uma tia, que, não tendo filhos, adoptou a orphã, não sem ter feito um longo discurso, no dia do enterro do irmão, o pae de Lia, á numerosa assistencia, que a escutava compungida e enlevada na grandeza da sua alma filantropica e carinhosa e no seu procedimento generoso e desinteressado.

Em estilo oratorio, com lagrimas na voz, de tal modo fez valer a grandeza da sua acção que as visitas e os parentes viam-na sob o aspecto de uma santa, tomando sobre si o colossal encargo de proteger uma sobrinha, a filha orphã e pobre de seu irmão.

A pequenita partiu alguns dias depois com a tia, na inconsciencia dos seus tres annos, mas sentindo já, naquela tristeza enorme que a envolvia, as lagri-

mas da pobre mãe, numa amargura indelevel que jámais a abandonaria.

Cresceu a criança numa infancia triste e opressiva, sob a indiferença egoista da tia, que mais se agravava quando a essa indiferença sucediam os ataques de irritabilidade que, por vezes, afectavam a senhora D. Purificação, tornando a pobre pequena uma martir inocente das violencias de caracter da austera senhora.

Acostumou-se Lia a viver sem carinhos nem afectos, a julgar-se diferente das outras crianças e sem direito, portanto, a queixar-se.

De mais, de que lhe serviria queixar-se, se ainda por cima lhe batiam?

De que lhe serviria desejar um brinquedo, se lh'o não davam?

Para que serviria, emfim, chorar, se isso só daria causa a maiores irritações e humilhantes ameaças?

Pouco a pouco tornou-se sêca e esquiva, a ponto de chegar a esconder-se quando apareciam visitas, principalmente quando eram pessoas pouco íntimas da casa e de quem já esperava as curiosas perguntas do costume, que a fatigavam:

— A mamã?

— A mamã está muito longe, — respondia a pequena, sêcamente, compreendendo que tomavam a tia por sua mãe.

— Ah, sim? e o papá?

— Esse morreu.

— Mas, então, a senhora D. Purificação não é sua mamã?

— É minha tia.

Mudança de aspecto e de atenção das interlocutoras, que passavam logo de carinhosas a indiferentes.

A pequena afastava-se. Chegava a tia: grande efusão de cumprimentos, e em seguida:

— Já falei com a sua sobrinha: é uma criança tristonha e de poucas palavras.

— Não se admirem, minhas amigas, porque para mim é a mesma cousa.

— Pobre senhora! não tem filhos mas tem *cadilhos*, o que é muito peior.

A serafica tia erguia os olhos, num gesto maguado, e começava a enumerar as ingratidões da sobrinha.

Era então um estendal enorme d'elas, entre as quaes, a que mais avultava, era a da pequena chamar sempre pela mãe, quando tinha qualquer aflicção.

— Como se eu não fosse a verdadeira mãe! — rematava, toda ofendida.

Realmente era triste, apoiavam as visitas, indignadas. Que ingrata!

E a pequena criminosa, ali, a um canto, silenciosa, sentia trespassarem-na, como se fossem setas, os olhares, entre desdenhosos e severos, de todas aquelas boas criaturas.

Ah! estava tão farta d'isto! E, ao afastar-se, ainda ouvia esta frase de amarga consolação:

— E lembrar-se a gente que vae procurar trabalhos por suas mãos!

— É verdade, minhas senhoras; sempre são *cadilhos*, não são filhos.

E o concerto dos suspiros desolados perdia-se ao longe.

Cadilho! Como esta palavra a feria, como ela se lhe tornou obsessionaria, á força de ouvi-la, a pobre criança! E por mais que fugisse para o fundo da casa ou para o alto do terraço, para a não ouvir, soava-lhe sempre na alma, perseguia-a em toda a parte, adivinhava-a, escutava-a incessantemente, ofendendo-a, magoando-a, fazendo-a sofrer até ás lagrimas.

Cadilho! Designação fria, desdenhosa e cortante que lhe retinia no cerebro como uma maldição!

II

Nas terras de provincia qualquer ninharia alimenta o soalheiro: e a criança, sentindo-se tão numerosas vezes discutida, já quasi instinctivamente compreendia essa hostilidade invejosa que a perseguia.

O resto da familia era unanime na opinião de que Lia devia ser muito feliz. Não era mesmo raro ouvir-se-lhe comentar a boa sorte d'ela. Que não lhe faltava nada; que a tia ainda era capaz de lhe deixar tudo, com prejuizo dos outros parentes; que, finalmente, aquilo é que tinha sido uma sorte.

Quasi sempre as invejas recáem sobre as cousas menos invejaveis.

Ao lado, casas pegadas, vivia um irmão de D. Purificação. Era casado e tinha dois filhos — José e Santa.

Esta, comquanto boa, era piegas e voluntariosa, por muito mimada dos paes.

O rapaz, um pouco infezado e doente, era naturalmente desastrado, caía repetidas vezes, e, chorando destemperadamente, fazia responsavel das suas infelicidades a irmã e principalmente a prima, a pequena Lia.

Com o rosto lambusado pelas fatias de pão com manteiga e assucar, que andava sempre a comer, a fraldita da camisa quasi sempre a sahir-lhe para fóra dos calções, choramingando continuamente, tornava-se um companheiro terrivel: e era por este motivo que as duas pequenas o excluiam, com enfado, das suas brincadeiras. De modo que Lia, estimava mediocremente o primo, emquanto que adorava a prima.

Quando se juntavam as duas, sentia-se bafejada por um lampejo de alegria, que lhe trazia a companhia da prima, a iluminar as sombras da sua triste infancia.

Em meio da indiferença e da hostilidade que a rodeavam, aceitava o afecto pueril de Santa, como um conforto para o seu coração de criança, fechado, pela força, a todas as expansões proprias da sua edade.

A mãe de Santa era uma adoravel e boa criatura, esposa e mãe amantissima, que atraía a arisca

pequena, com o seu olhar meigo e aveludado em que muitas vezes a envolvia.

Esses olhos, que tanto acariciavam a pobre Lia, quantas vezes ella os viu chorar tambem!... Ah! que se fosse com esta que Lia vivesse!...

Quantas vezes esse desejo a assaltou, quando o primo fazia as suas queixas, e aquela mulher, tão meiga, em vez da repreensão que Lia temia, com os mesmos labios com que beijava o filho, sorria para a prima, de quem ele se queixava!

Mas não, a pobre Lia não era com ela que vivia, mas sim com a outra, que não sabia o que era ser mãe.

Acontecia ás vezes, nas brincadeiras das duas primas, Lia sentir-se maguada e ofendida; e então, revoltado o seu orgulho, por nunca lhe reconhecerem direitos, queria logo retirar-se.

A outra, porém, que não queria pedir, mas desejava que a prima ficasse, e compreendendo que só levando-a pelo sentimento o conseguiria, chamava o irmão e dizia-lhe:

— O' José! pede-lhe que fique, mas chora!

Então o rapaz, que parecia trazer sempre as lagrimas preparadas, puxava a fraldinha da camisa, e, esfregando com ela os olhos, rompia num berreiro medonho, gritando entre soluços:

— Não te vás embora, senão eu não me calo!...

Lia, entre risonha e commovida, ficava.

No entanto, eram estas as suas horas mais alegres.

III

A mãe de Lia só a grandes intervalos ia vêr a filha, porque a viagem era fatigante e dispendiosa, de modo que a pequena poucas vezes tinha essa consolação, que era para ela como o sol que lhe entrava na alma e toda uma aurora de inefavel doçura, mas tão pouco duradoura, ai d'ela! que lhe deixava sempre a saudade de um sonho bom e logo extinto.

Rapidos dias passava a mãe a seu lado, porque a tia lh'os sabia abreviar com as asperezas do seu genio e as humilhações que, por vezes, inffigia á cunhada.

Só nessas ocasiões é que a pequena tinha alguns brinquedos, que a extasiavam e, por vezes, alguma modesta joia que a mãe lhe trazia.

Uma vez, trouxe-lhe uma pulseira de contas de coral, d'onde pendiam uma cruz, uma ancora e um coração em oiro, representando a Fé, a Esperança e a Caridade.

Para a pequena, foi como se Deus lhe enviasse do ceu um bracelete de estrelas. Trazia-a só nos dias festivos, e aquela modesta joia era tão graciosa e delicada, que toda a gente a elogiava quando a viam no seu alvo bracinho.

Quanto orgulho não sentia a pobre pequena nessa ocasião, por não estar habituada a elogios!

Depois, ao tirar a sua joia, beijava-lhe os emblemas das tres virtudes, na visão radiante de que beijava as mãos de quem lh'a tinha ofertado.

Um dia foi a tia chamada a casa do irmão. A pequena Santa estava doente, não queria tomar um remedio e era preciso que a tia oradora lá a fosse convencer com a sua eloquencia.

Lia viu sahir a tia, com um aperto de coração inexplicavel. Pouco depois via-a voltar.

— Lia, — disse-lhe esta — dá-me a tua pulseira para a levar á prima. A pobre Santa teima em não tomar o remedio e declara que só levando-lhe a tua pulseira o tomará...

— A minha pulseira?! — exclamou a pequena com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos: — e a minha mamã o que dirá?...

A tia caminhou para ela com o fogo da indignação no olhar, e disse-lhe severamente:

— Que tu eras uma ingrata, já eu o sabia; mas tão má e avarenta, nunca o pensei. A tua prima sofre, apetece-lhe essa rèles pulseira, que nada vale, e tu não lh'a queres dar! Estupida criatura! A tua mãe!... Já me admirava! Olha, pede-lhe que te sustente, que não faria mais do que a sua obrigação.

Lia chorava em silencio e não se mexia.

A tia então, vendo que a pequena não cedia, retorquiu:

— Mas para que consulto eu esta criança? Que paciencia!...

Foi á gaveta d'uma commoda onde estava a pulseira e tirou-a. Depois, quando ia a sahir, voltou-se para a sobrinha e, por um resto de consciencia, disse:

— Escusas de chorar. Isto é só por agora, porque a Santa, depois, tornará a dar-t'a. Para que quereria

ela *isto*, com lindas joias como tem? E apenas um capricho de doente.

Lia, seguindo-a com o olhar marejado de lagrimas, viu-a afastar-se com o seu pequenino tesouro.

Chorou, chorou muito, e, nessa noite, sonhou que uma visão caminhava para ela envolta num manto branco. Era, decerto, Nossa Senhora, mas com as feições da mãe. Sorria-lhe suavemente, e, na doçura das suas tépidas caricias, com beijos enternecedores enxugava-lhe o pranto.

Viu então as contas da pulseira transformarem-se em serpentes, que queriam enroscar-se-lhe nos braços, com grandes linguas de fogo que a queimavam; e ela, apavorada, afastando-as de si com uma enorme repugnancia, aconchegava-se da mãe, que, resguardando-a com o seu manto constelado de estrelas, lhe dizia docemente:

— Não chores mais, minha filha, vê que perdes as perolas dos teus olhos, que valem mais que as contas da pulseira! Esta foi minorar um sofrimento. Se não voltar mais, que importa? Talvez que, assim, sejas mais feliz!...

Mas não, Lia não foi feliz, e comtudo a pulseira não voltou mais.

IV

Passados tempos teve a mãe que se afastar para mais longe.

Tendo de partir para a capital por causa da edu-

cação do filho, foi despedir-se da filha. Tinha então a pequena sete annos, e a mãe, para evitar despedidas lancinantes, um dia de madrugada, partiu, deixando-a ainda adormecida.

Ao beijá-la, sufocando os soluços para a não acordar, pôz-lhe ao pescoço, muito suavemente, um fio de perolas, d'onde pendia uma cruz.

Aquelas perolas ficavam, no pescoço da pequena Lia, como um fio de beijos a recordar as saudades que a mãe levava no coração.

A pequenita, ao despertar, dando pela falta da mãe, e compreendendo que ela tinha partido, vestiu á pressa o seu roupãosinho branco, subiu ao terraço, d'onde se avistava o mar, e ali se conservou por muito tempo, acenando com o lenço molhado de lagrimas, para um navio que se afastava, até que, muito ao longe, se perdeu nas brumas de um horizonte infinito...

Pobre Lia! talvez que visse já nesse insondavel horizonte como que a visão do seu futuro, vago, brumoso e indeciso, oscilando entre o abismo e o ceu!...

Pouco tempo depois, a tia de Lia vinha para Lisboa, trazendo a sobrinha comsigo.

O resto da infancia, passado na capital, foi verdadeiramente asfixiante. Sentindo já as revoltas da mocidade oprimida e a injustiça da solidão que a rodeava, em meio de toda essa gente indiferente, calcava assim, dia a dia, no fundo do seu coração, os meigos transportes de uma alma boa, que só precisava, para se expandir, dos afectos e alegrias proprias da mocidade.

Começou então a rapariguinha a emagrecer e a definhar-se como uma flôr que se estiola ao frio do desamparo.

A mãe mal podia acariciá-la, e como a cunhada a detestava, raras vezes podia ir vê-la, e nessas mesmas, apressadamente e cheia de cuidados.

Depois, preocupada com a educação do filho e com as dificuldades da sua vida, nas fugitivas e poucas horas em que via a filha, não atentava muito na rapida transformação physica que se operava na pobre rapariga.

Um dia que Lia viu a mãe mais palida e abatida que de costume, compreendendo a situação dificil em que esta se achava, tirou as perolas do pescoço, e ficando unicamente com a cruz que prendeu numa fita, pediu insistentemente á mãe que as aceitasse, toda aflita perante as recusas d'esta.

Por fim, a pobre mãe levou-as. Que havia de fazer, se tinha de dar de comer ao outro filho?

A este tempo, Lia, que foi sempre um tanto orgulhosa, preocupava-se muito com a ideia de se não tornar pesada, e então trabalhava imenso, ás vezes até de madrugada, adormecendo exausta e extenuada, levantando-se poucas horas depois, mais fraca e abatida.

O producto do seu trabalho, roupas, bordados, rendas, que fazia para as lojas, entregava-o á tia.

Mas, nem mesmo cansada de trabalhar, a pobre rapariga conseguia o afecto da D. Purificação. Era quasi aversão o que esta ultimamente parecia dedicar á sobrinha.

Talvez os elogios, que a beleza da pequena provocava a tornassem irritavel e nervosa, naquela edade em que muitas mulheres, e principalmente as que nunca foram mães, não perdoam á mocidade os seus encantos naturaes.

Lia nem pensava que a sua beleza pudesse ser a principal causa d'este tormento, que a mortificava; e apezar de tudo, estimava a tia.

Aos quinze annos, e cada vez mais enfraquecida, não poude um dia levantar-se. Ardia em febre.

A tia, com uma certa angustia, talvez de remorso, olhava-a espantada, por vêr, assim, cahir doente essa criaturinha, que ela nunca pensou que pudesse adoecer!

A febre augmentava.

Chamou-se, então, a mãe.

A criança levava as mãos ao peito, e chegando a pequenina cruz de oiro aos labios, beijava-a.

Tinha então um sorriso enlevado, vendo no olhar da tia uns vislumbres de ternura que não lhe conhecêra nunca.

Quando a mãe entrou no quarto, chorando, volveu para ela os seus olhos tristes, enviando-lhe nesse olhar todo o imenso afecto da sua alma.

Depois, escutava comovida as frases um pouco sentenciosas, mas compadecidas, que a tia dirigia á cunhada. Como não havia de ser assim, se era a primeira vez que lh'as ouvia!

As horas caminhavam vagarosamente e a febre recrudescia.

A morte aproximava-se, estendendo a sua negra aza sobre o pobre corpo que em breve levaria...

Rompia a madrugada. No quarto só se ouvia a respiração opressa da enferma e os soluços mal contidos da alanceada mãe.

Um clarão azulado envolvia o leito branco e virginal.

Evolavam-se fragrancias de jasmins, que entravam pela janela mal cerrada do gabinete proximo, e os passaros chilreavam alegres, lá fóra...

Ela, agora, olhava a mãe fixamente, segurando-lhe a mão entre as suas mãosinhas emagrecidas e transparentes.

— Olha, murmurava ela, ahi vem o sol. Eu gosto tanto d'êle!...

E envolvia-a no seu olhar doce e já embaciado pela morte.

— Não chores, mamã, — continuava — Beija-me... mamã...

Um tremor de palpebras, uma lagrima deslisando nas faces emagrecidas, e assim se extinguiu a pobre Lia.

A alma luminosa e pura elevou-se nas suas azas brancas, ao primeiro raio de sol d'essa madrugada fragrante, e lá foi para as regiões do misterio, onde encontrou o seu colar de perolas nas lagrimas compadecidas da Virgem, que a aguardava.

....

Quando o pequeno caixão sahiu a porta, a mãe, de olhar desvairado, cahiu desmaiada nos braços da cunhada, que exclamava, perturbada e confusa:

— Mas é preciso ter coragem! Cá estou eu, que a estimava mais, porque a criei, e conformo-me com a vontade de Deus!...

Estimava-a mais!... Coitada! Como se ela pudesse comprehender todo o amor que encerra o coração das mães!

A perda de uma filha! Poderia ela nunca comprehender essa dôr, ela, que apenas tinha perdido... um cadilho?!...

*

* *

Dias depois, lá estava ajoelhada na sepultura de Lia a figura tragica e lancinante da pobre mãe.

E ali, envolta no seu triste vestido negro, mais pálida que uma noite de luar, soluçava abraçada á cruz, que, marcando a sepultura da filha, tinha sido, comtudo, a unica e fiel companheira da desventurada Lia.

O CHARUTO

O CHARUTO

Era um mendigo e tinha esta alcunha.

Só por ela era tratado e não havia garoto que o não conhecesse.

Era um decano da mendicidade de Lisboa. Vivia só: não tinha familia, nem tinha casa.

Os dias passava-os percorrendo a cidade a estender a mão á caridade publica; á noite recolhia-se numa cova aberta, num campo dos arrabaldes.

Não tinha outra habitação, e o leito da cova era a sua unica e misera cama.

Por docel, o ceu cravejado de estrelas ou chorando fios de chuva.

Nas noites calmosas do estio, suava ao bafo febril da terra esbrazeada do sol; nas álgidas noites do inverno, tiritava sob o gabão desfiado, soltando gemidos convulsos, que se cruzavam com os latidos dos cães uivando de fome e frio.

Uma noite, nas ultimas invernias, a cova abateu, a vala era profunda, encheu-a num relampago a formidavel enxurrada, e uma onda de lama asfixiou-o, matando-o, antes que êle tivesse tempo de acordar.

*

Foi melhor assim; não deu pelo seu fim e não havia que incomodar ninguem com o seu enterro, porque já estava sepultado.

Mas com isto é que se não conformou a policia, porque exhumou o cadaver e levou-o para o necroterio para ser autopsiado.

Não era só morrer assim, comodamente, sem dar satisfações á autoridade e sem o respectivo bilhete de enterramento: agora havia de ser aberto, retalhado e examinado, para se vêr o que tinha dentro.

Em vida ninguem se importou saber d'êle, quando o desgraçado tinha frio e fome; agora tudo eram disvelos e cuidados!

Isto veio nos jornaes, foi ha pouco tempo: não viram a noticia?

Eu li-a. Li e chorei. Porque o tivesse conhecido? Nunca o vi, nem jámais ouvira antes falar d'êle.

Mas comoveu-me extraordinariamente! como sempre me comovem estes trechos de tragedias ignoradas.

Magoou a minha sentimentalidade esta existencia humana, esfarrapada pela fatalidade, tratada a pontapés pelo destino, essa engrenagem terrivel do turbilhão universal, especie de Titan, d'uma estatura brutal e pavorosa, terrivelmente misteriosa e incognita, vivendo na obscuridade infinita, sombrio e brilhante ao mesmo tempo, capaz de fazer nascer perolas em esterquilinios e transformar anjos em monstros.

E vizionei o horrivel viver d'essa creatura, as caminhadas de um dia inteiro, para alcançar um pe-

daço de pão, as fadigas e desalentos afogados numa cama de lama, o vento dos infortunios a revolver-lhe coleras na alma, o corpo ardendo em febre, o desespero queimando-lhe o coração e o pensamento, para recomeçar no dia seguinte, continuar todo o mez, todo o ano, durante a vida inteira!... E sempre a mesma agonia confusa e dilacerante, sósinho no mundo, — atomo perdido na imensidade, miseria levada numa onda, farrapo despresivel, desfiado pelas procelas — o fato em frangalhos, os cabelos em revolta, nos olhos a vizão da morte, na boca, de labios lividos, o riso amargo da desgraça.

O que é uma vida assim? Uma nausea da creação, um borrão no infinito, a boca do misterio abrindo-se em abismos, o universo curvando-se numa noite eterna!...

Mas porque era isto, assim, para elle?

Porque é que a sua vida havia de desenvolver-se em circulos escuros, tenebrosos, infernaes, e a dos outros, de tantos para quem a vida é uma festa permanente, havia de decorrer em circulos de luz e jardins de rosas, regalos do corpo e gosos da alma, todos os prazeres que o mundo tem, todas as aspirações e afagos que inebriam?

Porque esta odiosa distinção, esta desegualdade monstruosa? Não era um homem como os outros? Porque não tinha, então, um logar na vida como êles?

Pela mesma razão, meu pobre revoltado, porque nasceste homem e não mulher, porque o teu cabelo é preto e não é loiro, porque não és absolutamente

egual a nenhum outro homem, porque teu pae não foi Camões, tua mãe a Todi, teu irmão o Saldanha, nem tu o presidente da republica, nem tua irmã a imperatriz das Indias.

Não, pobre Charuto! isto foi sempre assim e assim ha-de ser sempre.

É a proporção, a lei, a ordem, a harmonia.

Olha o mar: Apesar da sua enorme força, não póde nunca entrar terra dentro, além de certos limites, e esta não poderia jamais converter-se em oceano, senão passando os mares a serem continentes.

A pouca distancia do Capitolio — a visão do explendor e da gloria — está a Rocha Tarpeia — a visão do abismo e da desgraça.

São raros os que sobem ao primeiro, que é o beijo da fortuna, e são inúmeros os que sobem á segunda, que é o abraço da morte: mas a grande maioria nunca passou do vale, nunca experimentou a comoção da subida, a vertigem das alturas, o deslumbramento das culminancias, ou a pavorosa sensação da queda.

Como querias que fosse d'outra maneira? Que se arrumassem todos no monte sagrado? Não caberiam lá, e despenhar-se-iam uns aos outros. Que partilhassem egualmente a rocha fronteira? O vale converter-se-ia num cemiterio.

Que ninguem sahisse do vale? Ah, meu amigo! que banalidade que seria a vida, que insipido seria o mundo!

Querias a egualdade? Como? se em ti proprio

começa a diferenciação em relação aos teus semelhantes!

A egualdade!... Onde existe ela?

A unidade sim, mas esta resulta precisamente da desegualdade, do contraste, do choque.

A sombra vive ao pé da luz, o dia é o visinho da noite, o sol resplandece sobre os cemiterios onde milhares de corpos jazem em eternas trevas...

Depois de Austerlitz, topa-se com Waterloo, e depois de Waterloo está Santa Helena.

A mesma machina que nos levanta acima das nuvens, egualando-nos aos anjos, nos precipita no pélago ou no fundo dos abismos.

E acima das nuvens estão os astros, uns cheios de fogo e de luz, brilhando como reis do espaço, dominando como senhores dos outros astros; outros opacos, recebendo d'aqueles a luz e o calor, vivendo eternamente na sua dependencia, escravisados na órbita dominadora da sua influencia e da sua grandeza, — miseros *Giliats* do ar, empolgados pelos poderosos tentaculos da enorme *pieuvre* do infinito, que se chama *atracção universal.*

Cá em baixo, ha êntes que nasceram para não verem nunca a luz, muitos para serem a preza e o alimento dos outros individuos da creação.

A desegualdade está em tudo: é a fatalidade da ordem, a condição do equilibrio. Porque havia de ser assim?

Segredo terrivel! Problema eterno!

É assim, porque é assim. É segredo do pensamento infinito, da inteligencia creadora.

Os factos são os factos: mas por ventura haveria menos injustiça se fosse o cordeiro que comesse o lobo, em vez de ser o lobo que coma o cordeiro?

A tua razão e o teu sentimento ficavam mais satisfeitos, se, em vez da aguia, fosse a toupeira que voásse e afrontasse o sol?

A desegualdade desaparecia se tu é que fosses o *rei do petroleo* e Rockfeller passasse a ser o misero *Charuto?*

Bem vês...

Mas é claro que o pobre mendigo, o grande desgraçado, sem pão e sem luz, não raciocinava assim, nem cogitava de explicações, sentindo as garras lancinantes da fome a torturarem-lhe a existencia, o frio da cóva e a dureza da cama a traspassarem-no e a moerem-lhe os ossos, e vendo o céo por cima d'ele, sorrindo na felicidade do azul e das estrelas, impassivel perante a sua desventura e surdo ás suas queixas e soluços.

Ele não sentiria senão uma desegualdade iniqua, uma injustiça clamante, uma odiosa tirania social, afrontando, torturando, esmagando; e, numa revolta imensa, num odio tremendo, num gesto brutal, eu vejo esse mendigo, esse desprezado, esse ninguem social, levantar-se uma noite, da sua cóva escura e, num arremesso pavoroso, erguer o braço para incendiar, destruir, arrazar, reduzir a um montão de escombros e de cinzas uma cidade inteira, os palacios dos grandes, as habitações dos burguezes, os tugurios dos pobres, fazendo chorar e sofrer como êle todos

os que tinham um lar, um abrigo, uma enxerga, uma familia, ou um bocado de pão.

Mas antes de chegar o fogo á mina, o braço cahiu-lhe desfalecido, pendeu-lhe a cabeça sobre o peito, e um fundo suspiro, terminando num soluço, foi o ultimo arranco da tempestade d'aquelle cerebro de razão perdida.

Porque se imobilisou na resignação aquele engeitado da sorte, aquele perseguido do destino, prezo de todos os desesperos compreensiveis, endurecido pelo sofrimento, com a alma abatida e obsecada por todas as coleras?

Que estranha força lhe deteve o passo, que mão de ferro lhe suspendeu o braço vingativo, que misterioso entrave lhe aniquilou a resolução dementada e tremenda?

Um simples aviso, partindo não sabia d'onde, uma voz oculta que lhe chamava — louco! — a voz formidavel da consciencia que lhe gritava: — pára!

E êle deteve-se e parou e obedeceu, o desgraçado, o louco, o desespero feito homem, a vingança incarnada numa vontade resoluta, servida por braços de ferro e pernas d'aço.

Essa creatura sem inteligencia e sem instrução, sem principios nem ideais, encontrou em si mesmo a força precisa para se dominar, para vencer o seu odio e a sua colera, para neutralisar uma vingança medonha, calamitosa, tremenda.

D'onde lhe veio essa força?

Quem lh'a inoculou na alma, a êle, que não teve escola, que não teve mestres, que não sabia ler nos

livros, que nunca privou com sabios nem letrados, que nunca conviveu com gente instruida e educada?

Ah! é que esse homem, esse grande infeliz, teve uma mãe, uma mulher rude e simples, ingenua e ignorante, que na sua infancia, acalentando-o nos braços ou entretendo-o no colo, lhe dizia e lhe explicava, mostrando-lhe o azul do ceu e o brilho das estrelas, que, para além d'esse ceu e d'essas estrelas, havia um misterio terrivel e augusto que não era dado a ninguem transpôr nem devassar, e onde a existencia dos homens se refundia e completava, depois da morte da materia, numa existencia eterna e bemaventurada para os bons e os humildes, os que na terra sofrem e são desgraçados, ou semeiam de boas obras o caminho.

Por outros caminhos da alma e da linguagem se gerou e gravou no seu espirito e na sua consciencia a compreensão do inevitavel e do infinito, o sentimento da imortalidade da alma e a vizão consoladora d'uma justiça absoluta. — E foi esse sentimento e essa lembrança que prevaleceram sobre a sua paixão e o seu odio, iluminando-o com a luz divina das recordações d'um coração de mãe, nessa hora tenebrosa de desvario do seu espirito turbado pela desgraça.

. . . .

Mas a que vem tudo isto?

Que idea foi esta de trazer para a luz da publicidade o *Charuto*, um mendigo, um pária, um zéro social, cuja vida não preocupou ninguem e cuja morte ninguem sentiu?

Para duas cousas apenas:

A primeira, para perguntar aos senhores livres pensadores, áquelles que, por fortuna, não são susceptiveis de pensar em mais cousa alguma, por que se obstinam em destruir na alma do povo ingenuo e simples, em arrancar das almas ignorantes ou desgraçadas, essa crença que receberam, na infancia, dos labios d'uma mãe, e que é uma força e uma salvação, — uma força contra si mesmos, um dique aos impulsos animaes, e um balsamo, uma esperança, para as suas dores, para os seus desesperos, contra os quaes o atheismo é impotente, tão inerte e vasio de consolações é o seu negativismo!...

O vacuo a querer substituir-se á fé das almas, o nada a querer substituir a idea do Infinito!

A segunda é para pedir ao Estado, ao Governo ou á entidade a quem competir, que mande construir nalguns pontos da capital, — nesta cidade de marmore e de granito, onde ha desgraçados que dormem entre pilhas de madeira, ao longo do Aterro, nos bancos das praças e das avenidas, na cantaria dos portaes ou nos degraus das igrejas, á chuva e ao vento, abandonados a todas as intemperies, — uns albergues publicos, á semelhança dos que existem em Lourdes, para abrigo de peregrinos. Vastas casas de tétos altos, bem ventiladas, d'um só pavimento, providas de bancos largos e polidos, onde esses engeitados da vida, que são nossos irmãos, vão encontrar um pouco de repouso para os seus magoados

corpos, ao abrigo das inclemencias do tempo, e não vivam completamente abandonados como os cães sem dono e como o triste personagem que inspirou esta narrativa.

Pobre Charuto! Tu que sofreste todas as privações, que nunca pudeste reunir uns vintens para pagar uma cama onde descansassem um pouco mais confortadamente os teus membros doridos pelas fadigas da fome e do esmolar do dia, e cujo esqueleto ainda, decerto, foi render uns doze mil reis ao Prefeito da Escola Medica, que tem o macabro privilegio de desnudar os ossos dos mortos abandonados, para os vender aos estudantes de medicina, como tu te sentirias satisfeito no outro mundo e compensado do que sofreste neste, se o Estado, ouvindo o meu apelo, cuidasse de remediar a sorte dos teus irmãos de infortunio, proporcionando-lhes o abrigo que não tiveste e cuja falta te motivou a morte!

A COTOVIA

A COTOVIA

I

Não conheceram a Cotovia?

Era uma velhinha deliciosa! Muito curvadinha, arrimada a uma bengala, andava por ahi a vender cautelas.

A pele já apergaminhada, mas tão clara como uma noite de luar.

A cabeça, vergada para o chão, parecia andar a perscrutar o lugar da sua proxima e ultima morada.

Quando queria olhar para nós, tinha de ficar com a cabecinha ao lado e então a ponta do seu lenço escuro cahia-lhe artisticamente sobre o hombro, dando a ilusão de um manto a cobrir a cabeça de uma santa.

Era muito bonita a velhinha.

Que edade teria? oitenta, noventa, cem anos? Parecia tê-los todos, mas ouvindo-a e reparando bem nela, logo a doçura da sua voz e a inteligencia que brilhava ainda no seu meigo olhar nos davam a impressão de menos idade.

Gostava imenso da musica. Onde a ouvia parava logo a escutar e ficava-se embevecida, o olhar vago, um sorriso doce a pairar-lhe nos seus labios delgadinhos, alheada de tudo que a rodeava, vivendo talvez, uns instantes, dos sonhos que a musica lhe vinha recordar do seu passado, tão longinquo e, quem sabe? tão cheio de saudades!...

Afastava-se, por fim, repetindo muito de mansinho os motivos da musica que ouvira. Não reparava em ninguem, nem se importava, se, por acaso, as suas notas em surdina despertavam o riso.

II

Uma vez, ha tantos annos! quantos? Ainda eu era quasi creança. Atrahida pelas canções tremelicadas do velho Gaspar da viola, o popularissimo menestrel das ruas, que andava com a mulher e uma filha formando o trio desafinado e caracteristico da miseria cantante, num dia em que o pobre Gaspar, mais entusiasmado e mais rouco do que nunca, cantava na rua em que eu morava, assomei á janela, quando passava justamente a já curvada e velhinha Cotovia. Ela parou a ouvir o esfarrapado trovador, e, encostada ao bordãosito, muito limpa e modesta no seu vestido escuro, poz-se a contempla-lo com um olhar benevolo.

Ele, ao vê-la, desfecha-lhe logo a seguinte quadra, muito orgulhoso do seu engenho repentista:

— Escutando o meu talento,
esta scentelha divina —
folga a gente miudinha
e uma dama pequenina. –

A gente miudinha eram os garotos.

Depois continuava, animado pelo bom acolhimento do auditorio:

— Senhora que estaes de luto,
já decerto sois viuva!
Quando os porcos todos bailam
anunciam muita chuva.

A Cotovia sorriu, tirou 10 réis e deu-lh'os. Ele então, fazendo-lhe grandes reverencias, os cabelos em mólhos grisalhos cahindo-lhe nos olhos, desfazia-se em improvisos de agradecimento.

Já ela se afastava lentamente, seguida por alguns dos garotos, na espectativa de serem atingidos pela generosidade da dama pequenina, e ainda o Gaspar, entre ironico e carinhoso, clamava:

— Nossa rica bemfeitora,
parece uma flôr singela;
e os petizes que a rodeiam
são da mesma altura d'ela.

Depois reparou em mim e ao vêr-me rir, continuou na vertiginosa correria da sua inspiração e na doce perspectiva de uns cobresitos a cahirem da janela:

— Ó menina, tão loirinha,
tenha do pobre piedade,
e Deus lhe dê a idade
d'aquela boa velhinha.

E a mulher repetia numa voz muito aguda, de falsete:

— Tenha dó, tenha piedade!

Logo assomava uma creadita curiosa a outra janela, e êle gritava:

— Sopeirinha da janela,
dá-nos algo de jantar,
deixa ferver a panela,
vem ouvir o teu Gaspar.

E a voz esganiçada e choramingas da mulher repetia:

— Dá-nos algo de jantar!

As janelas dos predios visinhos iam-se abrindo e as moedas de vintem, dez réis e cinco réis saltavam sobre as pedras da calçada.

Então sucediam-se as árias, com trémulos comoventes, as cordas da viola chocavam-se frementes de entusiasmo, e o pobre Gaspar, curvando-se em evoluções serpentinas, sempre de melenas a baterem-lhe nos olhos revirados para o céu, vibrava, verdadeiramente sublime de comoção delirante.

Após as árias italianas, vinham os duêtos com a mulher, tercêtos em que entrava a filha, e até quar-

têtos e concertantes de óperas monumentaes, porque êle fazia simultaneamente de tenor, baixo profundo e... soprano ligeiro!

Era interessantissimo e divertiam-me imenso aqueles originaes concertos!

Entretanto, numa das lojas do predio fronteiro, numa baiúca muito negra e sórdida, tendo apenas uma porta e uma janela quasi rente do chão, morava o meu visinho, o sr. Custodio, por alcunha *o mestre Escangalha,* porque concertava toda a especie de cousas, e as más linguas diziam que tudo ficava, depois de concertado, em peior estado que aquele em que lh'o tinham entregado.

Mas o sr. Custodio, apezar d'isso, levava o ano inteiro no seu pardieiro, em mangas de camisa, sentado ao pé da janela, trabalhando naqueles objectos informes, d'uma diversidade infinita, em que êle remexia continuamente, no pavor d'aquele buraco de janela, onde só se distinguia nitidamente a sua camisa clara.

Tinha no entanto os seus dias de filosofia, em que assobiava monotonamente desde manhã até á noite, e os seus dias de azar, como êle lhes chamava, em que resmungava, como endemoninhado, durante horas consecutivas.

Nesse dia, o meu visinho não estava contente. De cotovelos encostados ao buraco da negra baiúca, os oculos subidos para a testa, olhava enraivecido para as moedas de cobre que a mulher do Gaspar levantava do chão e guardava na engordurada escarcela.

Quando, per fim, o trio se afastou, êle, desabafando o rancor contido, ao reparar na filha que estava á porta (uma pequena de 6 anos, com uma grande cabeça envolta num lenço de chita de côr duvidosa, cabeça de mulher assente num corpito microscopico e enfezado) e como ela ainda se conservasse espantada, extasiada talvez, pelo espectaculo raro que acabava de presenciar, na morta rua da Gloria, bradou-lhe enfurecido:

— Ó rapariga! Safa d'ahi! Vae ajudar a mãe, grande ralaça! Apegou-se-te a molestia da mandrice? pouca vergonha!... — e gesticulava — Lembrar-se a gente que está aqui um homem a trabalhar todo o ano, para sustentar esta malta!... e aquele maroto!... aquele velháco, então, só com duas piadas, a ganhar como um principe!...

E olhava em volta a procurar partido, mas as janelas iam-se fechando e os garotos afastavam-se ás cambalhotas, numa odiosa indiferença.

Então, o sr. Custodio sentava-se e recomeçava o seu complicado trabalho.

Com um suspiro mal abafado e um filosofico encolher d'hombros, murmurava:

— Ai mundo, mundo!

Ao longe ouvia-se a voz rouquenha do trovador das ruas, sulcada pelos guinchos desoladores da pobre tisica que o acompanhava. Seguiam, no seu fadario, os principes da miseria!

Pobre Gaspar! Aqui te deixo esta recordação, que te devo pela franca alegria que, na inconsciencia da minha infancia, me proporcionava sempre a tua

lira desvairada, nesses concertos tragi-comicos, cuja evocação, ainda hoje, me traz a saudade dos tempos que não voltam mais!...

III

Uma noite, era bastante tarde, estava eu no Café Martinho tomando chá. Entrou a Cotovia e ofereceu-me uma cautela de seis vinteus. Por engano dei-lhe 200 réis em prata e mais um vintem.

Ela tacteou a moeda de prata, depois, chegando-a muito proxima dos seus olhos fatigados, veio apresentar-m'a dizendo:

— A senhora enganou-se; isto são dois tostões.

— Guarde-os, tiasinha; devo-os á sua honradez.

— Agora sim — respondeu ela, sorrindo satisfeita — muito obrigada.

Como as velhinhas são em geral gulosas como as creanças, dei-lhe uns bolos; não os comeu. Pediu um papel, enrolando-os com todo o cuidado e levou-os. Talvez para algum bisneto.

Fiquei a scismar na grande probidade d'aquela mulher.

Não custa nada a ser honrado quando ha que comer; mas ela, que por ali andava com um seculo ás costas, a deshoras, numa noite frigidissima de dezembro, privada do conforto da sua caminha, só para ganhar uns tantos réis, vir restituir o tostão, que não

ganharia talvez na noite inteira, ela, que tinha muito mais edade que a necessaria para que as ilusões todas desfeitas tivessem cedido o logar a todos os egoismos, amontoados pelas necessidades e pela desgraça, cometia um acto verdadeiramente belo e comovente!

Que lindas e peregrinas almas por esse mundo não erram desconhecidas!

IV

Desapareceu um dia. Levaram-na para o hospital.

Ali, com a meiga cabecinha enterrada na almofada, cuja brancura se confundia com a alvura dos seus cabelos, esperava docemente resignada a hora de transpôr os humbraes da Eternidade.

Pela calada da noite, quando as doentes dormiam, ou arquejavam em angustiosos sofrimentos, elevava-se uma vozita fraca e melancolica, como a voz d'uma creança meio adormecida.

A macrobia cantava.

As enfermas soerguiam-se nos seus leitos e murmuravam:

— Lá canta a cotovia... ámanhã devo estar melhor. Quando ela canta é bom prenuncio.

E o somno era mais tranquilo, embalado pela esperança que aquela debil musica lhes trazia, como

uma caricia confortadora, como uma prece que se evola até Deus.

E quando ela cantava, escusavam as enfermeiras de a mandar calar.

Não as ouvia.

Um sorriso na comissura dos labios, um lampejo contemplativo no olhar, e as trovas, os cantos populares, as baladas melancolicas, todo um passado de sonhos, todo um seculo de recordações perpassavam em melodias suaves, que se extinguiam, perdidas no silencio das tétricas noites do hospital.

Uma vez pôz-se a rir, murmurando:

— Schiu! deixem ouvir o Gaspar!

E entre frouxos de risos, muito miudinhos, muito subtis, cantarolava:

> — Quando os porcos todos bailam,
> anunciam muita chuva...

As doentes sorriam. Uma rapariguinha, muito pálida, que estava no leito proximo, sentou-se na cama e com uma expressão alegre esperava anciosa pelo resto. Mas ela calou-se. A rapariga então chamava:

— Ó Cotovia! — e pedia, muito empenhada: — Cante mais, ande, cante! a gente está aqui tão aborrecida!

Mas isso sim! Ela ouvia-a lá! Com as mãos cruzadas no peito, olhos meio cerrados, por onde pairaria aquele espirito vacilante! Quem o sabe!

V

Uma noite ouviram-na chorar muito de mansinho; chorava como cantava. Tudo era doce e brando naquela creaturinha. Nessa doce figura angelica de santa, tudo era brando e suave.

As doentes sobresaltaram-se. Não era costume.

Porque chorava a Cotovia?

Uma onda de tristeza carregou mais aquela atmosfera feita de suspiros e dores.

— Mau presagio — diziam elas — se alguma de nós vae morrer!

E eram suspiros abafados, lagrimas silenciosas enxugadas nas dobras dos lençoes, saudades que atravessavam os corações na triste visão das despedidas eternas... todo um drama de máguas desconhecidas, desenrolando-se na pungente desolação do abandono!

E nenhuma ousava interromper aquele chôro, a não ser com algum ai de dôr, ou algum gemido mal sufocado.

Mas como se adivinhasse o mal que involuntariamente causava, a pobre Cotovia deixou de chorar e d'ahi a pouco a sua vozinha debil entoava novamente a toada predilecta, uma melopeia embaladora, como se adormecesse uma creança, que ha muito deveria ter existido, quem sabe? morta já, ou encanecida tambem!...

E as pobres enfermas, ouvindo as modulações da voz da Cotovia, sentiam como que uma dôr de menos, no alivio do presentimento, que antes as oprimia, e agora, com o canto d'ela, se desfazia.

Mas essa voz era tão fraca naquela noite, que só o grande silencio da vasta enfermaria lhes permitia ouvil-a.

Era uma vozita de sonho, e as notas foram esmorecendo tanto e tanto que se extinguiram, como num sôpro...

Sentiu-se então como que um roçar de azas que voam... Um frio glacial perpassou por esse vasto viveiro do sofrimento, quando o palido clarão da aurora envolveu a alva cabeça da Cotovia, que, imobilisada, dormia o seu ultimo e eterno somno...

Chegaram uns empregados.

E um exclamou:

— Olha! esta já *pateou.*

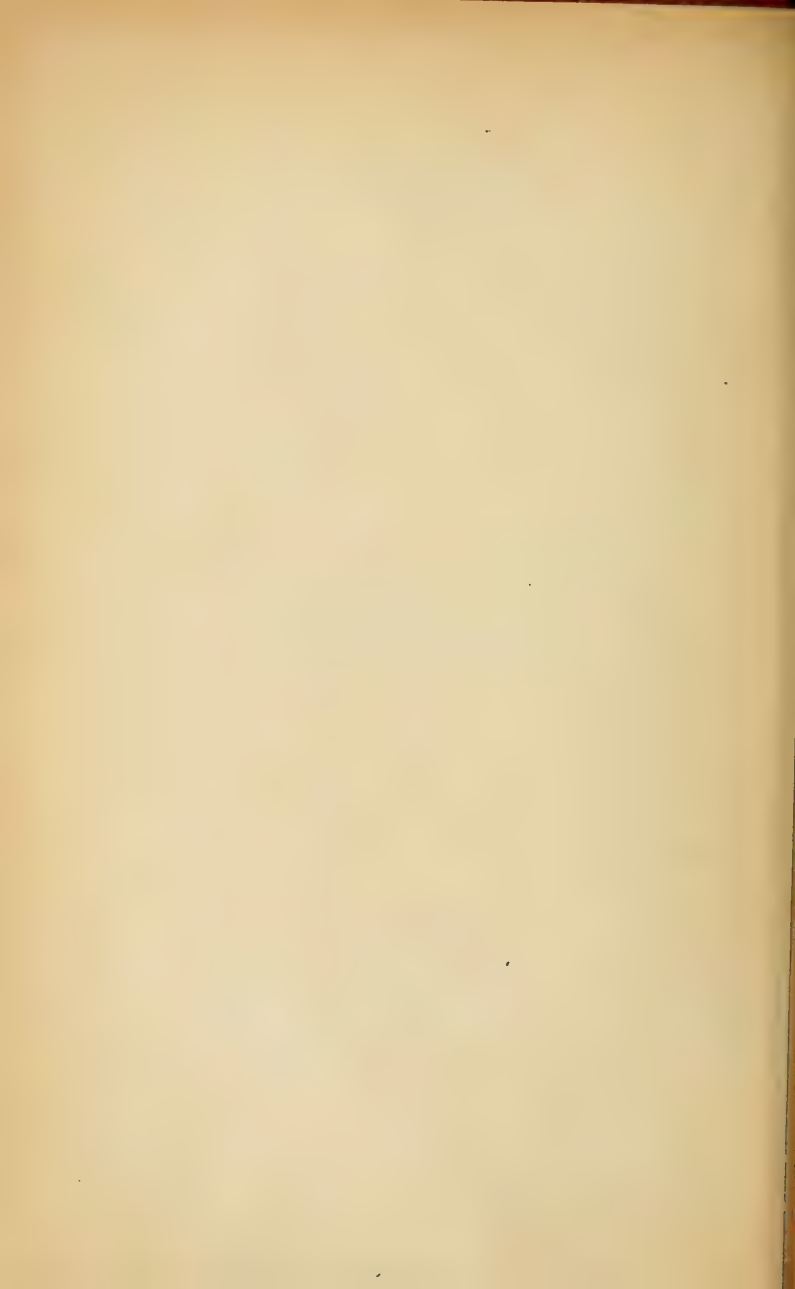
— Ah! foi a Cotovia — respondeu o outro — acabou-se a musicata; naturalmente está cantando no outro mundo.

Os passos afastaram-se.

Então a rapariguinha muito pálida, com o rosto inundado de lagrimas, murmurava, num soluço:

— Meu Deus, pobre Cotovia! Ainda ha pouco cantava, e agora...

Agora?... Uma existencia d'um seculo, diluida numa lagrima de saudade!...

O COMUNISTA

O COMUNISTA

Arthur e Mario.

Dois futuros cidadãos em embrião.

Da mesma edade ambos, com pequena diferença. Para ahi uns onze anos cada um.

Arthur tinha olhos azues, Mario tinha os olhos castanhos.

Eram os olhos de Mario como os da mãe, uma excelente criatura, casada com um empregado do correio, homem de habitos sedentarios e sentimentos conservadores. Tão apegado a Deus como ao pé de meia, que bom proveito lhe faça, por isso que vai engrossando de ano para ano, graças á agiotagem para que nasceu com um geito especial.

O azul dos olhos de Arthur provem-lhe do pae, tipo com lume no olho, cobrador de associações revolucionarias e orador das ditas, em politica carbonaria e comunista.

As suas casas juntavam-se pelos quintáes, bipartidos por um muro baixo, por cima do qual se visitavam os dois pequenos para a brincadeira e para a conversa.

O pae de Mario dava um cavaco enorme com isso. Havia de mudar-se de casa, só para acabar aquela intimidade com o filho do comunista.

Cada vez que Mario ouvia esta ameaça, ficava triste e cabisbaixo, e nas paginas, brancas, do livro do seu destino marcava um dia infeliz.

Deixar de brincar com o Arthur! O que ficaria sendo então a sua vida?

O vacuo, as trevas, o implacavel nada... um horror!

Mas a mãe, que era uma santa, fazia sempre o milagre de desviar as paternas tempestades de cima da sua cabecita de cabelos louros, contrastando com os seus olhos castanhos.

E êle sorridente e feliz deitava a correr para o quintal, onde, num pronto, aparecia, acima do muro, a cabeça do Arthur emoldurada de cabelos negros, a contrastarem com o azul dos olhos.

Mario era feliz com aquela amizade pelo sentimento da sociabilidade, tão necessario á sua natureza afectiva para que a vida fosse uma alegria como o perfume é indispensavel á rosa para que ella seja, eternamente, a rainha das flores.

Arthur, pelo contrario, apreciava a amizade de Mario pelas utilidades inherentes e consequentes que lhe cahiam todos os dias na blusa, como uma chuva de dádivas, sob a forma de gulodices, que este apanhava á mão, ás escondidas da mãe, e de cigarros esquecidos pelo pae, com os quais os dois bregeiros ensaiavam o veneno da nicotina, escondidos num recanto do quintal, desvanecidos e enlevados nas espi-

ráes cinzentas do fumo, que se azulava á luz radiosa do sol.

Um dia, era um domingo, Mario perguntou ao Arthur:

— Porque é que o meu pae chama comunista ao teu?

— Ora, porque é um idiota — respondeu aquele.

Foi um momento terrivel!

Mario teve a tragica vizão do dasabar da sua existencia, sentindo a imperiosa necessidade de esbofetear o amigo.

Arthur comprehendendo a inconveniencia e o perigo, a cessação das brincadeiras, dos cigarrinhos longamente saboreados, emendou logo a mão, rapidamente, e com uma naturalidade que desfez imediatamente a iminente tempestade:

— Comunista é o mesmo que idiota — explicou sorrindo, teu pae quer com isso chamar idiota ao meu.

Tudo isto teve apenas a duração de um relampago.

Mario nunca tivera curiosidade de saber a significação da palavra com que o pae designava o pae do amigo e contentou-se com a explicação d'este, achando talvez injusta, ou pelo menos ofensiva tal designação para o pae de Arthur.

De repente notou um movimento desusado em casa d'este, uma grande afluencia de visitas, muitos homens, algumas mulheres do povo, caras feias, pálidas, expressões duras, ritus de sofrimentos.

— Quem é que faz anos na tua casa? — perguntou.

Arthur poz-se a rir.

— Não são anos nenhuns! E' meu pae que váe fazer um discurso, — respondeu.

Mario guardou silencio, e poz-se a seguir, com o olhar vago, um pardal que saltava de ramo em ramo a folhagem escura da nespereira que cobria, com uma mancha de sombra, o quintal do Arthur.

O seu espirito estava concentrado numa unica ideia. Um discurso!

E êle que nunca ouvira nenhum! Tinha agora, ali, um mesmo á mão!...

Era só saltar o muro e pronto.

Então, voltando-se subitamente para o Arthur, numa ancia de curiosidade que lhe punha risos nos olhos e comoção na garganta, disse:

— Se fossemos ouvir?...

O outro encolheu os hombros, assumindo uma expressão cortante de ilusões:

— Isso sim! aquilo é só para os grandes.

Mario baixou a cabeça desalentado, murmurando:

— Que pena!

No semestre seguinte teve um grande desgosto: a familia do amigo mudava-se.

Quando chegou o dia fatal da separação, chorou muito, abraçado ao Arthur, que a cada momento se desenvincilhava d'êle, declarando-o piegas e massador.

Que diacho! êle não ia embarcar para o Brasil!

— Olhem a grande cousa, saltar apenas umas ruas!...

Demais Mario ia passar a frequentar a escola e era muito facil o verem-se sempre. Era só combina-

rem uma hora, á saída, para se encontrarem no jardim da Estrela e já poderiam brincar á vontade.

Êle resignou-se, e assim passou a fazer, quando alguns dias depois começou a ir ao colegio. Todos os dias, á volta para casa, se encontrava com o Arthur á porta do jardim da Estrela, onde entravam os dois, garotando o mais que podiam, para aproveitarem o tempo disponivel de Mario.

Uma vez, o Arthur disse-lhe que não podia esperar no dia seguinte.

— Porquê? — perguntou Mario contrariado.

— Porque ha lá um discurso em casa, — respondeu aquele.

— Outro discurso! — murmurou Mario pensativo.

— Olha, d'esta vez, se quizeres, pódes ouvir, porque na casa nova ha lá um esconderijo d'onde podemos ver e ouvir tudo, sem darem por nós.

Êle exultou de contente. Combinaram a hora e o pretexto com que Mario havia de saír de casa — uma mentira, está bem de ver — e, no dia seguinte, lá estava Mario em casa do amigo.

Ao fundo de uma sala quadrada, mesmo á entrada, que servia de sala de visitas e de jantar, estava uma pequena mesa, bastante despolida pelo uso e pelas mudanças, que servia de secretária ao pae de Arthur, sobre a qual se via um copo cheio de agua na extremidade direita, e alguns papeis ao meio, seguros pelo pezo d'uma campainha.

Em frente, tres duzias de pessoas, de todas as edades, sentadas em bancos de pinho, e por detraz da

bancaría, um esconso que servia para arrecadações, tapado com um reposteiro de chita encarnada.

Foi ahi que os dois rapazes se esconderam.

Num dado momento, a campainha soou, anunciativa, impondo silencio.

As conversas cessaram, todos os olhares se dirigiram para a meza, e Mario e Arthur, cada um de seu lado, espreitando pelas aberturas formadas pela estreiteza da cortina, puderam observar tudo, sem serem notados nem presentidos.

O pae de Arthur, de pé, em atitude soléne, as mâos ambas espalmadas sobre a meza, pesando com o olhar, baixo e profundo, a alma do pequeno auditorio, soltou as primeiras palavras do seu discurso, com voz cava e rouca, quasi tétrica:

— Lá fóra o sol ilumina a terra, e a sua luz cobre, por igual, todos os homens. Todavia, nós estamos mergulhados na sombra, a nossa vida decorre em trevas perpetuas, porque, gente má e pérfida, nos rouba o nosso quinhão de sol, o nosso quinhão de luz, o nosso direito á vida. Êles disseram: isto é nosso, fiquem vocês com o resto: e o resto era nada! Uma mentira, uma burla, uma infamia! E nós ficamos sem cousa alguma, e êles ficaram com tudo; êles têm sobejos, nós só temos faltas; para êles todos os confortos, todos os prazeres, todas as alegrias; para nós só as dores, só a miseria, só as lagrimas!...

Isto póde ser? Não! O mundo é de todos, todos teem direito á vida. Portanto não ha *meu* nem *teu*: tudo é *nosso*.

Pela assistencia passou um frémito de comovido

enthusiasmo; as palmas rebentaram freneticas, pavorosas, e na sua retumbancia, chocavam-se gritos de aplauso emitidos em todos os tons.

Serenada a manifestação, o orador passou a explicar o que era o comunismo, as suas vantagens e a racionalidade d'esta teoria, a unica verdadeiramente social e humana, e que melhor correspondia ao pensamento creador do Universo.

A exposição foi lúcida, sugestiva, e fez crescer agua na bôca dos ouvintes: mas quando êle foi verdadeiramente soberbo, foi na peroração. Ahi foi assombroso e terrivel.

— Era preciso resolver já, gritava de olhos esbogalhados. A hora não era para hesitações, nem delongas. Quem quizesse que o seguisse, quem fosse covarde e poltrão, que ficasse. O ideal estava além, em frente, bem perto, sugestivo e luminoso.

«Numa das mãos uma espada, na outra um facho, caminhemos, avancemos em coluna cerrada, formando um unico pelotão, unidos como um só homem, ferindo para todos os lados, incendiando, destruindo, aniquilando até não ficar pedra sobre pedra do velho e iniquo edificio social, para sobre os seus escombros levantarmos outro novo, feito de luz e de justiça, de alegrias e amor, sem deuses nem diabos, sem capitalistas nem indigentes, sem senhores nem escravos. Tudo novo, tudo claro, tudo limpo e tudo farto!»

O auditorio vibrava de comoção, a sua alma gemia sob o poder magnetico da eloquencia, as lagrimas humedeciam olhos tristes, quasi apagados inda

ha pouco, e brilhantes agora, de olhar inflamado, com pupilas de lume.

O ar trezandava a revolução e benzina, respirava-se uma atmosfera de combates e roupa suja.

Pela vidraça da janela em frente, via-se sangue no horisonte, laivos vermelhos no ceu, feridas escancaradas nas nuvens, toda a atmosfera carregada de pavores, ameaças, visões tragicas de cataclismos.

Havia arrepios em todas as medúlas e torcegões de estomago, lembrando o jantar.

Um verdadeiro sucesso e um aperitivo.

A tarde tombava sobre a luz, lentamente, melancolica, quando os ouvintes dispersaram, despedindo-se admirativos do grande orador que lhes recebia os cumprimentos e felicitações, sorridente, glorioso e cheio de suor.

Os pequenos aproveitaram a confusão d'esse momento para saírem do esconderijo, fazendo as suas despedidas, na rua, á pressa porque já era tarde para Mario. Êle estava com medo que o pae já tivesse chegado e désse pela sua falta.

Arthur só teve tempo de lhe perguntar:

— Gostaste?

— Muito! — gritou Mario, deitando a correr.

O pae ainda não tinha chegado: Que fortuna! Mas não tardava que aparecesse: isto é que era sorte!

Nessa noite levou muito tempo, primeiro que conciliasse o somno.

Não via senão o pae de Arthur, de melenas desgrenhadas, braços estendidos, gesto nervoso, olhar

chamejante e voz terrivel, arremessando-se para o vago, o desconhecido, de murro fechado, ameaçador, gritando:

— Bandidos, bandidos! Para aqui o que me roubastes! acabou o *meu* e o *teu*. O mundo é para todos, a terra é comum, o direito é igual: nada do que existe é teu, tudo o que está debaixo do sol é nosso, é de todos, é da comunidade.

Estas palavras não lhe saíam da lembrança, atordoavam-lhe os ouvidos como um tiro de canhão.

E poz-se a comparar. Aproximou situações conhecidas, tateou-lhes as superficies, porque não sabia ainda medir as profundidades, e reconheceu que o pae de Arthur tinha dito a verdade.

O seu instinto descobriu desegualdades odiosas, injustiças que faziam estremecer.

Só adormeceu pela noite adeante.

Quando no outro dia se levantou, ouviu o pae gritar entusiasmado, na sala do jantar, muito satisfeito, de jornal na mão:

— Ora até que emfim! Já era tempo. Eu bem dizia que aquêle cachorro era má bisca!... Quando êles pregam lindas teorias, vêm com a solidariedade humana, a moral social e a justiça inflexivel, é esperar-lhes pela pancada. Quando trazem todo um arsenal campanudo de gladios flamejantes para degolar erros e preconceitos, fazer triunfar a verdade e o direito, com letras grandes, é ouvir-lhes toda essa cantiga já muito estudada e sabida e compreender logo a conveniencia de abotoar bem o casaco e pedir ao primeiro policia que se encontra que nos acompanhe.

— Então o que foi? — inquiriu a mãe, com compassiva curiosidade, ao mesmo tempo que a criada estacava com a travessa dos bifes na mão, curiosa de saber o acontecimento.

— Ora, o que havia de ser! o que eu já suspeitava ha muito. O comunista foi preso hontem á noite, por ladrão. Uma das associações em que era empregado descobriu que êle a roubava ha muito tempo. Deu parte á policia e esta filou-o, hontem á noite, num botequim da baixa, onde êle se emborrachava de companhia com uma d'essas mulheres de vida airada, que era afinal quem lhe comia o dinheiro.

— Bem feito! — disse a creada, compondo uma expressão severa de moralista.

A ama meneou a cabeça, com tristeza, murmurando:

— Coitado!

E o pequeno Mario sentiu o coração contrair-se, numa grande angustia, lembrando-se do desgosto do pobre Arthur.

Nesse dia, nem nos seguintes, Mario não tornou a ver o amigo.

Passou-se muito tempo assim, mas êle não o esquecia.

Que seria feito do Arthur? Quanto devêra ter sofrido, e quanto choraria ainda, o pobre rapaz!...

A sua consciencia dizia-lhe que o pae tinha cometido uma má acção, que essa acção era condenavel; mas a sua inteligencia, o seu raciocinio, formado nos principios que lhe ouvira, dizia-lhe que a má acção não existiria, não se teria dado, se o mundo

estivesse direito, isto é, se a sociedade estivesse organisada como êle indicou no seu discurso, se não houvesse uns que tinham muito, que tinham de mais, outros que tinham de menos; uns que tinham tudo e outros que não tinham nada.

*

* *

Passados mezes, os dois amigos encontraram-se.

Mario ía radiante: Fazia anos nesse dia e o pae tinha-lhe dado uma libra em oiro.

Arthur vinha cabisbaixo, soturno e desconfiado.

O primeiro teve um alvorôço, o segundo sentiu um retraímento; naquele atuava a alegria da saudade satisfeita, neste o constrangimento da vergonha e da inveja.

Mario compreendeu o primeiro, mas não suspeitou da segunda.

Arthur tinha as botas cambaias, o casaco rôto num dos cotovêlos, os calções poídos e desbotados, a camisa e o colarinho sem gôma.

Mario olhou para si e viu-se bem vestido, trajado de novo, quasi um principe, comparado com o pobre amigo.

Não se poude conter perante este confronto e tamanha desegualdade, que achou injusta, e cheio d'uma enorme piedade, muito expansivo e afétuoso, tirou do bolso a libra que o pae lhe havia dado e, entregando-lha, disse:

— Olha Arthur, nós havemos sempre de ser

amigos. Como teu pae disse naquele discurso, entre nós nunca mais haverá, d'aqui em deante, *nem meu nem teu:* O que fôr d'um, será do outro. Queres?

Arthur estendeu-lhe a mão, num gesto largo de franqueza e disse:

— Combinado! Tu serás o *Um,* e eu serei o *Outro.* E guardou a libra.

Em seguida despediu-se. Despedida eterna, ao que parece, porque Mario nunca mais o viu.

Quando, mais tarde, se viu obrigado a confessar ao pae o desastrado ensaio do seu comunismo, as palmatoadas retiniram-lhe nas mãos, que foi uma dôr d'alma!

Aos vinte anos, Mario estava mais agiota que o pae, e quando se lembrava da sua libra perdida, murmurava ainda, entre dentes:

— Mau negocio!... Bem dizia o velhaco! comunista, sinonimo de idiota. Minha rica libra!...

MARIA JULIA

MARIA JULIA

Tinham jantado no Tavares. Um jantar alegre, regado de champagne.

Os ditos picarescos cruzavam-se com as gargalhadas francas e retinidas, como só a mocidade as sabe soltar.

A Maria Julia estava com um espirito diabolico, como asseguravam os tres rapazes que a acompanhavam.

Arthur, o amante, já com uma pontinha de ciume, em presença da extraordinaria alegria da rapariga, pensava no presente que teria de lhe dar, não fosse, caprichosa como era, substituil-o por algum dos amigos.

Não que ela, sem causa aparente, largava de re pente os amantes sem lhes dar satisfações. E se êles se faziam autoritarios, apanhavam com a porta na cara e acabava-se tudo.

Pálida, cabelos d'um louro cendrado, d'uma excessiva elegancia, se não era admiravelmente bela, tinha, em compensação, um tal encanto de sedução que não havia meio de resistir-lhe.

Naquele dia estava esplendida de graça, nunca o seu espirito caustico e atrevido brilhára tanto, nem os seus atractivos, de mundana caprichosa, tinham entusiasmado os seus admiradores como naquele alegre jantar.

— Que faremos agora? — consultavam ao levantarem-se da mesa.

O Arthur, muito atenciosamente, respondia:

— A Maria Julia que diga, ela é quem manda.

— Vamos á Trindade? — alvitrava um.

— Um passeio a Cascaes, pela fresca, faz um calor! — lembrava outro.

E ela, que não. Era tudo massada, não havia divertimento algum. Em setembro era estupido permanecer em Lisboa, mas o Arthur tardava já em levál-a ao estrangeiro, e, francamente, já não ia gostando nada da graça.

— Mas, emfim, onde iremos? — repetiam êles — Vamos ao animatografo?

— Vamos á feira, á feira de Agosto — declarava, por fim, a rapariga — a gente sempre tem de se massar; vamos áquela semsaboria.

— Semsaboria com ela — exclamavam êles — impossivel!

Meteram-se no auto e partiram para a feira.

— Tem ideias, esta Maria Julia! Impagavel! repetia pela centesima vez um dos companheiros, rapaz de monoculo petulantemente encravado, que lhe franzia a face esquerda, de uma fórma detestavel, dando-lhe um ar de sublime idiota, que êle supunha d'um *chic* irresistivel para as mulheres. — Muito ga-

lante tudo isto! Vamos ter uma noite divertidissima e...

— Sim, já sei, muito *chic* — interrompia ela, encolhendo os hombros.

Chegaram. Maria Julia desceu ligeira, sem tocar na mão que lhe ofereciam e, muito alegre, seguida dos tres rapazes, transpoz a entrada da feira.

Agitava-se uma multidão mesclada e confusa. Sujeitos pacatos, caminhando lentamente, eram acotovelados pelos ranchos irrequietos que iam gosar. Confundiam-se gritos estridentes com os pregões enrouquecidos, e havia uma alegria simulada que causava tedio, naquele ambiente saturado do cheiro nauseante de peixe frito.

— Quentes e boas! — berrava o vendilhão das castanhas cozidas, á entrada da feira.

— Quer queijadas da Lapa, minha querida fregueza? — bradava uma mulher — Olhe que são das legitimas; compre, minha fidalga!

— O grrrande sucesso, meus senhores! — gritava um rapaz de cara enfarinhada, á porta d'uma barraca — venham ver os noivos: o monumental gigante, que jámais olhos humanos contemplaram, ao qual, para se lhe poder apertar a mão, é preciso subir a uma escada; e a sua microscopica noiva, a princeza Recoralta, que é mais pequenina que uma orelha do seu futuro esposo! Venham ver! Venham admirar!

Maria Julia parou, e ao ver a acanhada barraca onde se abrigava o famoso gigante, exclamou:

— Deve estar de cócoras para caber ali, coitado!

Passaram mais adeante, e ela, encaminhando-se

para uma vendedeira de pevides e fava torrada, pedia:

— Um vintem de fava torrada, tiazinha.

— Pronto, minha santa; faz muito bem á voz.

Depois continuou a percorrer as ruas da feira, com o seu estado maior ao lado. Tasquinhava nas favas com os seus dentinhos brancos e aguçados, e, olhando o amante, que todo se desvanecia, dizia-lhe muito gaiata:

— Vês como eu mordo? assim é que eu lhes faço a vocês! deito fóra a casca e trinco o miôlo... e eu tenho bons dentes!...

— É muito chic esta Maria Julia! — casquinava o de monoculo.

Entraram, por fim, no animatografo.

— Oh! senhores, que enorme calor! mas em companhia da Maria Julia tudo é divertido, — exclamavam os amigos do Arthur.

Depois, o figurino, assestando o monoculo para as burguesinhas que lá estavam, dizia alto:

— Bem boas estas pequenas! Não teem muito chic, é verdade, mas vá lá, vá lá... são galantes!...

As meninas olhavam despeitadas.

— Credo! — disse a mais altiva, — que peralvilhos estes!

— Ó Mimi, — dizia a outra, depois de ter estado cinco minutos a examinar o chapeu da Maria Julia, — tu não vês o descaro d'estes tipos, virem para aqui com as cocotes?

Então a tia, que estava ao pé, uma senhora de oculos e com um nariz de cavalete, muito vermelho,

dando uma cotovelada na sobrinha, disse-lhe baixinho, num tom repreensivo:

— As meninas não devem olhar para essas mulheres!

E curvou-se-lhe mais o nariz, numa expressão extraordinaria de desdem.

Maria Julia continuava mordiscando as favas, sem dar pelas indignações que despertava.

A sala ficou ás escuras, começava o espectaculo.

Lá estava o Cretinete a fazer piruetas. Caía das janelas, caía dos telhados, metia-se pelas chaminés, pelos canos de esgoto, trambulhão aqui, ponta-pé acolá, gente esbaforida atrás d'êle, um sucesso!

Riam as meninas galantes, ria a austera tia, ria o publico em peso. Um delirio de risos!

Só a Maria Julia bocejava.

— Que massada! — dizia ela.

Outra fita: Uma scena de adulterio. O marido saía radiante, ia fóra ganhar a vida; mas voltava inesperadamente e lá se davam as jocosas situações em que o amante, atrapalhado, se esconde debaixo das camas, nos armarios, em toda a parte, com grande gaudio dos espectadores e principalmente dos homens casados, que achavam uma graça espantosa ás scenas d'este genero.

Mas, de repente, a sua atenção ficou completamente absorvida.

Uma ruga cavou-se-lhe na testa. Estremecimentos nervosos agitavam-n'a. Impacientava-se se lhe falavam e a distraíam.

O que teria a Maria Julia?

Desenrolava-se uma fita de arte.

Era a protagonista uma rapariguita de 14 a 15 anos.

Uma quadrilha de gatunos explorava-a, fazendo-a atrahir os incautos para os roubarem. A pobre creaturinha era obrigada, por maus tratos, a acompanhá-los nas emprezas mais arriscadas.

Não faltava a repelente megera, alcoolica e coberta de farrapos, a moê-la de pancadas, fazendo-a dançar nas tabernas, com os apaches, até cahir exhausta e sufocada pela tosse. E n'um desdobramento de torpezas e degradações, a misera creaturinha, rolava de vergonha em vergonha, até expirar, minada pela tuberculose, num triste leito do hospital.

Todo um drama pungente de miseria e desgraça, cuja heroina era uma pobre creança, abandonada pela mãe!...

Maria Julia levantou-se de repelão, os olhos razos de lagrimas, e numa voz titubiante dizia:

— Ar! preciso de ar! sufoca-se aqui.

Arthur, muito inquieto ao dar-lhe o braço, propunha irem para casa, mas ela precisava de respirar livremente, e dizia:

— Não, não quero! com um pouco de ar passa; não é nada.

Abancaram cá fóra, e com grande alegria dos amigos, Arthur mandou vir champagne. Agora sim, com o champagne tudo passava e a Maria Julia ia ficar optima.

— Que era muito *chic,* dizia o do monoculo; —

uma mulher de espirito póde adoecer, deve ter sincopes, deve ter nervos!

— Mas quem lhes diz a vocês que eu estou doente? — respondia ella — talvez fatigada de lhes ouvir tantas baboseiras, não digo que não.

— Obrigado pela amabilidade — respondiam êles radiantes.

Mas a Maria Julia não dava a resposta trocista do costume; olhava-os com um ar abstracto e enjoado. A taça de champagne espumava-lhe nas mãos e através do dourado liquido, ela estava agora a ver, nessas perolas que subiam e se evolavam á superficie da taça, os anos passados da sua existencia, numa efervescencia de paixões e desregramentos que lhe tinham posto o vacuo na alma, onde a amargura fôra sufocada pela quimera dos prazeres faceis e estereis, onde o tedio se acumulava, a desfazer-se, por vezes, em ondas de lagrimas e de remorsos.

Sim, porque a Maria Julia era uma mulher educada. Por que série de circumstancias chegava a nem pensar no que a si propria se devia? Que sabia ela? Era a fatalidade, que tudo explica.

Fôra justamente ha 15 anos. Vivia com a mãe, uma santa creatura, viuva de um honrado militar, e que, com a educação da filha, gastava quasi toda a pensão que lhe ficára. Fôra a pequena creada com as mais austeras noções da honra e da honestidade; mas a Maria Julia era vaidosa e preguiçosa. Amava a sua beleza sobre tudo e adorava o luxo. Sonhava com um casamento rico, um banqueiro, um principe, que sei eu? Com uma existencia, emfim, em que o

fausto e a opulencia puzessem bem em destaque a sua exquisita e atrahente beleza.

Recusou o casamento com um bom rapaz, mas de fortuna modesta; e um dia, julgando encontrar o milionario dos seus sonhos, amou-o loucamente. Por êle ou pela fortuna? É natural que esta produzisse a maior intensidade do amor dedicado áquele, atenta a psicologia da rapariga, que não era das mais dificeis de compreender. Fosse como fosse, a verdade é que ela julgou amál-o, e fingindo ceder aos rogos e ameaças da mãe, que opondo-se tenazmante áqueles amores, logo via o abutre em volta da preza, que era a filha da sua alma, disfarçou como poude, e um belo dia desapareceu de casa, fugindo com o amante.

Voltou d'aí a mezes abandonada e descrente.

A mãe pouco viveu, mirrada de privações e desgostos.

Maria Julia ficou só, sentindo nas suas entranhas o fruto desses malditos amores que a tinham perdido.

Sem recursos, nasceu-lhe uma filha no catre da miseria. Deu-a a uma ama e começou, enfraquecida e desalentada, a trabalhar aqui e ali, onde e como podia, até que adoeceu. Recolhida por alguns mezes no hospital, não podendo pagar á ama da filha, não lhe apareceu mais. Pouco depois, um caixeiro de comissões levava-a comsigo e ela, abandonando a Patria, abandonou a filha...

Passados anos voltou. Trazia dinheiro e joias. Na sua vida de bohemia tinha juntado para a educação d'essa creança, que ela não pudera esquecer.

Parecia-lhe facil tarefa encontra-la, e foi num alvo-

roço de coração, em que o amor de mãe brotava como uma flor preciosa, que se pôz a procura-la.

Mas a ama da filha havia 3 anos que tinha morrido e a creança tinha ficado com uns visinhos, mais pobres e miseraveis que a propria ama, e dos quaes não se sabia o paradeiro, havia mais de um ano. Para onde tinham ido?... Dirigiu-se á policia, mas ali então as trevas tornaram-se mais densas. Inuteis todas as pesquizas. Os vestigios da creança tinham desaparecido.

Talvez tivesse morrido, diziam-lhe êles lá.

Emigraram talvez as creaturas com quem estava e era natural que a pequena não tivesse resistido, atenta a vida de miseria e privações levada por esses desgraçados que se expatriam clandestinamente.

Para que preocupar-se mais com o irremediavel? Sim, devia ter morrido.

E ela chorou, pensou ainda uns tempos nisso, e por fim... esqueceu.

Mas eis que essa fita, do animatografo, desdobra ante seus olhos, espavoridos, todo um drama dilacerante, de uma creança abandonada...

Não poderia tudo isso ter sucedido á sua filha? E ela, vendo a mãe morta de desgosto, no passado, essa pobre mãe que nunca a abandonou, nem depois da sua ingratidão, e vendo a filha agora, quem sabe? moribunda num leito do hospital, ou rolando na infamia de todas as torpezas humanas!...

Que despreso então sentiu por si propría, e por todos esses cumplices da sua vida de ignobil perdição!...

Oh! não! ela não era má, porque sofria tanto

agora, que era demais para aquela pobre cabeça de misera pecadora, e que, talvez pela primeira vez, se curvava ao peso do verdadeiro remorso!

Então os homens que a rodeavam pareceram-lhe monstros que lhe gargalhavam injurias; o champagne, um liquido viscoso, a lama que lhe escorria pelas mãos, lama onde ela se tinha lançado e nela envolvera a sua filha tambem...

Ergueu-se. O olhar em fogo. Cambaleante e indecisa, fitava os companheiros d'uma fórma estranha! O do monoculo soltou uma gargalhada, esperando um discurso excentrico, mas o riso secou-se-lhe prontamente nos labios, quando a taça, arremessada com impeto, lhe foi bater na testa, fazendo-lhe saltar o monoculo a distancia, emquanto o champagne, escorrendo pelas faces, ia manchar a elegante gravata e a alvura do peitilho, tirando-lhe todo o seu *chic* de precioso figurino.

Levantaram-se atonitos! Arthur correu para ela, exclamando ancioso:

— Mas que foi, que te sucedeu?...

Ela afastou-o gritando, enrouquecida:

— Deixem-me!

Caminhava quasi correndo, seguida pelo amante e os outros um pouco vexados.

Passou a saída da feira e atirando-se para dentro do automovel, antes que o Arthur subisse, gritou:

— Para casa.

O automovel partiu como uma flexa, abafando os gemidos da pobre Maria Julia, que, enovelada a um canto, soluçava...

Os tres ficaram estáticos.

O Arthur permanecia cabisbaixo e absorto, emquanto o amigo íntimo, batendo-lhe no hombro, dizia:

— Não faças caso, homem! Eu conheço as mulheres! aquilo são nervos. Dá-lhe ámanhã uma boa joia, e tudo passa lindamente!...

O outro encolhia os hombros desdenhoso, e olhando melancolicamente para o áro do seu monoculo, sem vidro, murmurava:

— Impagavel a Maria Julia! mas... isto não foi *chic!*...

UMA REVOLUÇÃO NA FLORESTA

UMA REVOLUÇÃO NA FLORESTA

Principios do outono.

Eu estava no Estoril.

O ceu mostrava-se sombrio, concentrado, triste.

Havia em toda a naturêsa um silencio de solidão, aspectos de imobilidade que lembravam a morte, rumores vagos, longinquos, semelhantes a estertores de agonias misteriosas.

Sentia-se um desfalecimento geral, o coração oprimia-se sob o peso indefinivel d'aquela tarde sem luz, subiam lagrimas aos olhos, sem se saber porquê, numa tão surpreendente melancolia, que chegava a lembrar que a alma se diluía nelas, para reentrar pela evaporação do infinito.

Que horas eram? duas, quatro, sete? Ninguem o saberia dizer, tão crepuscular e constante se mostrava aquele dia de sombras, revestido de uma terrivel mudês.

No meio da pavorosa imobilidade cosmica que me cercava e abatia, senti necessidade de movimento e sahi de casa para espairecer o meu aborrecimento.

Dirigi-me para o pinhal.

Fugia da obscuridade vaga para a obscuridade da floresta.

Sentei-me num banco rustico, talhado na pedra, numa estreita clareira inteiramente desobstruida de um dos lados, por onde se via o mar.

Os pinheiros tinham perfis sinistros, flutuavam pela florêsta sombras vagas, recortavam-se espessuras terriveis, e, a pouca distancia, cantava uma melopeia inconcebivel um pequeno veio cristalino, caíndo tranquilamente num tôsco tanque de pedra, onde bebiam as pombas livres e a passarada brava que habitavam aquele recanto de paz.

O mar, lá em baixo, estagnava-se numa grande mancha indefinida, sem uma ruga, perdendo-se no horisonte, sem que de parte alguma surgisse uma véla a cortar a sensação de deserto e a monotonia da vastidão.

A minha atenção foi, porém, despertada por um subito rumor que vinha de uma balseira proxima, na extrema do pinhal, onde um terreno inculto se erriçava de espinhos, oculto nas desconfortadas dobras de um matagal espesso.

Era um tumultuar indescritivel de vozes, o rumor vago e indefinido dos sons, numa conjunção de gritos, de espirros, de guinchos subterraneos, de mistura com ululações de espingardas de cana e ruidos confusos de coisas infinitamente pequenas.

Uma coisa verdadeiramente enervante!

Esta anormalidade na solidão, despertou-me a curiosidade.

Levantei-me, caminhei para o balsedo e puz-me a escutar.

O fragor era cada vez maior e mais distinto, dando-me a impressão de uma revolução de insectos.

Investigava minuciosamente os arredores do campo de batalha, onde parecia que se estavam ferindo truculentos combates, quando deparei com um gafanhoto tranquilamente sentado sobre uma pinha, escutando como eu atentamente, mas com o olhar fixo num ponto do mato que eu não tinha podido descobrir.

Num dado momento, como eu tossisse, voltou a cabeça e vendo-me a olhar para êle, levantou-se com o ar mais distinto, e num grande aprumo de educação, cumprimentou-me respeitoso, conservando-se de pé, mas sem perder de vista a ação que se travava nas profundêsas da balseira.

Compreendi logo que estava na presença de um gafanhoto educado, pertencente á *élite* da sua especie, e tive pena que êle não falasse, para me explicar a terrivel ingresia que punha em sobresalto a solidão do pinhal.

Ia para me retirar, quando êle me dirigiu a palavra, parecendo ter adivinhado o meu pensamento:

—V. Ex.ª não tem curiosidade de ver o fim?

—O fim de quê?—perguntei num sobresalto, mais de curiosidade pela solução de aquele enigma, do que de espanto por ouvir um gafanhoto falar a linguagem humana.

—Mas então o que vem a ser isto?

— São os grilos que estão em revolução — informou.

— Os grilos? é então uma revolução de grilos? mas o que querem êles?

— Querem estabelecer a republica.

— Como? pois tambem êles têm politica?!

— Se a têm! e da mais brava.

— Conte-me isso por favor! — exclamei no auge da surprêsa.

Eis o que então soube: A nação dos orthópteros, estivera sempre constituida em monarquia e o poder era desempenhado pelos gafanhotos. Estes tornaram-se, com o tempo, desleixados e imoraes; a fazenda comum começou a resentir-se, a consciencia colectiva entrou a revoltar-se, estabelecendo-se, afinal, um irredutivel antagonismo entre o poder e a nação.

Os grilos haviam constituido um grande partido revolucionario; todos os dias se anunciava a revolução, sem que ela nunca aparecesse; muitos já não acreditavam que tal se désse, até que hoje rebentou, e com tantas probabilidades de exito, que o rei já abandonou o palacio.

— Ah, sim? e então o senhor fica?

— Estou a ver em que param as modas.

— Quer dizer?...

— Que se a monarquia resistir, continuarei a ser monarquico.

— Mas se fôr vencida?

— Ah! nesse caso inscrever-me-ei republicano.

— Todos os monarquicos teem a sua orientação?

Elle curvou a cabeça sem responder. E eu, compreendendo a resposta no seu silencio, acrescentei:

— Nesse caso, o rei fez bem em partir.

— Pois foi esse o conselho que eu lhe dei — acudiu vivamente.

— Então o senhor é conselheiro do rei, pelo que vejo?

— Tenho essa honra, — e fez uma mezura.

— Mas...

— O que quer V. Ex.ª que eu faça? Tenho mulher e filhos, e é só dos meus doze empregos que eles vivem.

Nisto ouviu-se maior rumor, vozearias, trilos de vitória.

— Viva a republica! — grita o meu amavel interlocutor entusiasmado.

*

* *

No ano seguinte voltei ao Estoril.

Sentada no terraço do Casino, contemplava a limpidez do ceu, numa tarde amena e radiosa, cuja luz esmaltava de prata o vasto tapete azul do oceano que se estendia a meus pés, perdendo-se no poente dourado que incendiava o horisonte.

Por uma associação de idéas, lembrei-me d'aquela aventura do pinhal, em que o ceu contrastava profundamente com o d'aquela tarde de enlevado encanto: e assaltou-me uma viva curiosidade de voltar

áquele sitio, para saber o resultado da estranha revolução do balsedo.

Apenas lá cheguei, ouvi uma vozinha minha conhecida, que me falou afavelmente:

— Adeus, minha senhora!

Olhei, era o meu amavel gafanhoto, o meu informador da outra vez.

— Ai, é o senhor? mas então ainda aqui está? resolveu-se afinal a ficar com as suas convicções, não é verdade?

Êle meneou a cabeça com tristeza.

— Não minha senhora, transigi, corri a alistar-me entre os vencedores, mas chamaram-me cousas feias, nomes aboticados, riram-se de mim, e eu tive de retirar-me vexado e corrido, porque a revolução foi feita só para êles.

— O que?! então a revolução foi só para êles? exagera!...

— E' como lhe digo.

— Ah! mas isso então está mau!

— Fale baixo, minha senhora: olhe que se a ouvem, póde ser presa.

— Desatei a rir com a lembrança do gafanhoto. Êle caíu em si, compreendendo o equivoco e desculpou-se.

— Quer V. Ex.ª vêl-os e ouvil-os? — acrescentou — olhe nesta direcção.

Olhei e vi, numa clareira aberta no tojo, numerosas fiádas de grilos, com raras excepções um ou outro gafanhoto de permeio, constituindo uma assembléa.

Numa ligeira elevação de terreno, via-se um alentado gafanhoto, ladeado por dois grilos, todos tres emergindo de dentro da casca d'uma ostra, dando a impressão de que estavam sentados dentro d'ela.

Estes tres orthópteros constituiam a meza d'aquele congresso, dos quaes o do meio era o presidente, pois a êle se dirigiam os oradores.

Em volta, sobre as folhas das piteiras que circundavam aquele recinto, muitas formigas travadinhas e algumas abelhas de grandes chapeus, tapavam inteiramente a vista aos bezouros, que ali tinham concorrido, em grande numero, para assistir á sessão. Estes, é claro, desesperados com a irritante moda, besoiravam, protestando durante um tempo infinito, com grande gaudio das ladinas, que, entre risinhos abafados, combinavam levar, em outros dias, chapeus de palha, ainda maiores, atravessados de alfinetes medonhos, para lhes vasarem os olhos, áqueles peludos tão atacantes perante a estética feminina.

No momento em que cheguei, estava falando um grande grilo, alto, reforçado, de gesto tribunicio, fazendo a apologia da liberdade e dos principios democraticos, e salientando os seus serviços prestados á republica. Infelizmente, quando me dispunha a prestar-lhe atenção, terminou o discurso, no meio das calorosas ovações da assembléa.

Mas logo outro orador de menor corpulencia e de faces chuchadas, se levantou para felicitar o orador pela sua belissima apologia da liberdade e da ordem, os dois grandes esteios das sociedades que querem viver. Êle, pela sua parte, declarava, que

toda a sua acção politica e governativa, tinha sido regulada por esses dois grandes principios, e tanto assim, que, ainda na vespera, mandara arrazar um jornal que andava 'a arreliar a bela sociedade nova, com umas piadinhas que lhe estragavam a digestão.

Um outro grilo interrompeu o orador, exclamando:

— Sempre a politica da atração! Sempre a politica de transigencias! O que se devia ter feito, não era destruir o jornal, porque isso representa um atentado á liberdade de imprensa: era escangalhar as costas dos redactores, porque isso é que seria um descanso para o regimen e um alivio para todos. O que eu não admito é que se violem as leis que nós fizemos! Entendo que se devem exterminar os reacionarios, em nome da liberdade, mas que em nome da propriedade devemos respeitar o material tipográfico... para nos apoderarmos d'êle, como simples detentores.

Um grilo velho intervindo:

— Dá-me licença? isso é uma imbecilidade. Nas soluções da politica positiva, propriedade e detenção, são uma e a mesma cousa...

— O senhor não póde interromper-me! — berra o outro: proíbo-o em nome da liberdade.

— Da liberdade?!...

— Sim, para mim a liberdade é a ordem, e a ordem... é o regimento.

O velho quer falar. Levanta-se tumulto. Vozes gritam incitando-o a que fale, outras clamam por ordem.

O presidente põe na cabeça o seu barretinho de casca de avelã e interrompe a sessão.

Restabelece-se o silencio.

Então um grilo, agitando as azas, sobe acima d'uma casca de noz e interpela o governo.

Queria que lhe explicassem porque era que havendo tanto padre, com direito á pensão do estado, se tinha autorisado o casamento eclesiastico. Pois não via o governo que isto viria engrossar a concorrencia ás pensões e que dentro d'alguns anos o thesouro não poderia sustentar tantos padres?

Levanta-se prestes e assomado o mais vivo e inteligente dos grilos do governo e explica, que, se tinha autorisado o casamento eclesiastico, é porque havia uma grande crise de meninos do côro.

Um grilo independente e alegre desata a rir, e, no entusiasmo da hilaridade, finca os pés com fôrça nas costas do colega da frente.

Este grita ao presidente, para que faça entrar na ordem o desrespeitador das suas costas. O outro não atende ao convite da presidencia.

Novos gritos, novo tumulto.

Alguns congressistas avançam rubros, de murro fechado.

— Então que é isto? — bradam das galerias — repetem-se as senas do tempo do obscurantismo?

— Nunca! berra um grilo todo encrespado, dando murros na cabeça do visinho: nesses tempos de selvageria, inutilisavam as cousas que custam dinheiro... Hoje só se partem cabeças, que não valem nada!

— Oh senhores! — grita um congressista — então hoje não ha Cherry Cordeal?

Mas eis que aparece á entrada, aos pulinhos, um grilo já todo russo, correndo pressuroso, distribuindo tiras de adesivo pelos feridos, abraçando os contundidos e espalhando sorrisos por todos.

Em breve se restabelece a harmonia.

— Agora fala o Demostenes da assemblêa.

Escalpelisa os dirigentes e a sua acção revolucionaria e politica, formulando sínteses, vibrando epigramas.

A liberdade civica estava dependente do primeiro denunciante, e as garantias individuaes de lei *ad-hoc* formuladas sem tino e escritas com odios!...

A assistencia tremia de indignação, perante o sudario de contradições, inepcias e desvairamentos que êle desenrolava e agitava aos olhos espantados e surpresos dos ouvintes.

Os aplausos reboaram no espinhoso recinto, calorosos e formidaveis, agitando as folhas dos fetos como se estes fossem sacudidos por furioso vendaval: e, em menos de um segundo, o orador era arrebatado da tribuna e passeado ao colo, numa ceára de bracinhos erguidos, que davam palmas e agitavam folhinhas, de todas as côres, numa loucura de apoteóse, enquanto outros berravam:

— Fóra! fóra o canastrão!

Entretanto, isolado a um canto da sala, um grilo, o mais feio de todos, roía sofregamente as negras antenas, forjando epigramas e desforras.

O gafanhoto levantou para mim os olhos tristes, observando:

— É isto: os velhos passaram o tempo a fazer desejar os novos, e os novos entreteem-se a fazer saudades dos velhos!

Retirei-me, sem mesmo me despedir do meu interlocutor.

*

* *

Tempos depois, num belo dia de sol, fui ao Estoril, anciosa por colher noticias da politica na floresta.

Mas ao chegar á capital da interessante republica, experimentei uma sensação estranha que não sentira em nenhuma das outras vezes que ali fôra.

Havia um silencio profundo, reinava ali uma paz de cemiterio, tinha-se a impressão do abandono e da morte. Parecia que um incendio tinha lavrado havia pouco, destruindo uma parte d'essa grande e bela floresta, outrora tão viçosa e de sombras acalentadoras.

Olhei, pesquisei todos os pontos para ver se encontrava o meu solícito informador, mas em vão.

De repente ouço uma voz em que me pareceu reconhecer a d'êle, exclamando num tom dorido e plangente:

— Não, não! *Ingrata patria, não possuirás meus ossos...*

Olhei na direcção da voz. Era efectivamente êle.

Lá ia a dobrar a esquina duma pedra que resguardava a planicie do abysmo.

*

Chamei-o: Pst! pst!... Não ouviu.

Dirigia-se para a borda do precipicio...

Tive o presentimento d'uma tragedia, a visão d'um suicidio, e corri para êle gritando:

— Senhor gafanhoto! O' Senhor gafanhoto! Então? o que faz?...

Êle estacou, e vendo-me, tirou o seu chapeusinho de veludo, numa rasgada reverencia, dizendo um pouco agitado:

— Por cá, minha senhora?!

— Que desgosto eu teria se o não encontrava! Diga-me, já fez as pazes com a sua republica?

— Bem se vê que anda bem longe de tudo isto!

— Não comprehendo!

— Sim, fala em paz... quando êles quasi nos devoram, para se não devorarem uns aos outros...

— Que me diz? mas então, o que eu ouvi...

— Tudo palavras.

— Entusiasmos tão sinceros...

— Adeus, minha senhora.

— Como adeus?

— Expatrio-me; não posso mais!

— Porquê?

— Não ouve além o ruido dos machados? São os rachadores de fóra que começam a invadir a floresta para derribarem e levarem as nossas arvores seculares...

— Phantasía com certeza! eu nada ouço...

— Não admira! não conhece os ruidos da floresta!...

— Mas então, o regimen trouxe taes males?...

— O regimen não... os que o não sabem conduzir... porque a verdade, é que a floresta é a patria de nós todos, e o bem d'ela seria o nosso tambem. Mas que vejo eu? As paixões a chocarem-se com tal impetuosidade, que nos vão despedaçando indistintamente.

— Exagera, porque ao menos, os seus antagonistas politicos devem estar felizes.

Aqui, teve o meu interlocutor um risinho sceptico, replicando energicamente:

— Como se engana ainda, minha senhora! Quantos, e até mesmo alguns que fizeram a revolução, têm de partir tambem! E esses, sem terem as nossas azas, vão-se arrastando por terras desconhecidas a procurar a hospitalidade e o pão que seus irmãos lhe negam... Ainda mais infelizes do que nós, porque levam a desolação dos seus ideaes mortos!...

— Adeus, minha senhora, adeus para sempre!

E lá se foi o meu adoravel gafanhoto...

Pelo caminho muitos outros encontrei que voavam em demanda das regiões longinquas.

E por esses jardins fóra, tufos de *miosotis* balouçavam nas suas ástes delicadas a ideal e purissima flor azul, que murmurava docemente:

— Não me esqueças!... não me esqueças!...

O CONSPIRADOR

O CONSPIRADOR

I

Atravez das grades da prisão, Miguel via uma nesga do Tejo. Era bonita e melancolica essa faxa de rio, por onde o pobre rapaz espraiava o seu olhar. Mas sempre a mesma, tornava-se monotona, enervante, eterna.

No entanto, devorava-a com os olhos, era a sua companheira, bebia-lhe as auras que das suas aguas serenas e azuladas se evolavam até êle e o acariciavam brandamente, agitando-lhe os cabelos, beijando-lhe as faces, atravez d'aqueles grossos varões de ferro, que o separavam do mundo.

Como fôra aquilo? Pobre Miguel!

Êle, tão modesto, tão pacato, tão inofensivo, como poude ir parar ao Limoeiro?

Parecia-lhe um pesadelo infindavel!

— Venha commigo — disseram-lhe um dia ao saír da repartição.

Parou interdicto, e naturalmente perguntou:

— Mas para onde?

— Vamos, nada de perguntas, acompanhe-me — tornou a creatura embirrante e de má catadura — Está preso!

E levaram-no para a cadeia.

Ali estava, em principio, sem saber porquê. Depois fizeram-no descer á secretaria e submeteram-no a um interrogatorio confuso, quasi incoherente, que o deixava cada vez mais surpreendido.

Perguntas cheias de misterio, divisando em cada olhar uma ameaça, em cada palavra a convicção d'uma culpa, por êle incompreendida. E ás suas respondiam-lhe com um sorriso de incredulidade e despreso, mandando-o retirar.

Conspirador! Tiveram de lh'o dizer para que emfim compreendesse.

Então êle tinha lá pensado nunca em politica?

Fôra decerto a vingança d'algum desalmado inimigo que falsamente o denunciara. Mas quem? E como puderam acreditar tal aleivosia!

Tudo que significava lucta lhe causou sempre um horror invencivel, e, comtanto que houvesse paz, qualquer governo lhe servia. Sentia-se até incommodado quando diante d'ele se discutia a mudança de regimen, e, verdade, verdade, lá no intimo, estava contente com a Republica que lhe trouxera aumento de musicas regimentaes pelas ruas, o que lhe dava a impressão de mais festa e alegria. Cantarolava constantemente a Portugueza e era o primeiro a descobrir-se reverente quando a ouvia na Avenida, Rocio ou Terreiro do Paço, onde nunca faltava aos concertos gratis.

Que cousa tão surpreendente e incompreensivel!

A sua vida tinha sido sempre d'uma pacatez rára. Vivia com duas tias velhas, porque os paes mal os conhecera. Esta orfandade não tinha verdadeiramente constituido uma infelicidade para o nosso Miguel, porque as tias eram tão boas e dedicadas, tinham-no enchido tanto de mimos, que ele nem quasi déra pela falta dos paes. Uma irmã da mãe, outra irmã do pae. Tinham-se unido, feridas por egual desgosto, dedicando-se ao orfão que de 3 annos o destino lhes atirara aos braços, sendo a sua missão no mundo, desde então, a educação do pequeno Miguel.

Ele era fraquito e bom; dobrado motivo para os cuidados e desvelos das boas creaturas.

Aos 18 anos arrumaram-no como amanuense no Monte Pio Geral.

Que dia aquele de alegria! Era um empregado, entrava na vida do homem que trabalha, que se torna util e independente. E elas, as boas velhitas, rejuvenesciam de orgulho. Foram convidados parentes e amigos, houve jantar lauto, doces, flores e á noite foram todos para o teatro. Foi uma linda festa aquela.

D'ahi em diante, o Miguel saía invariavelmente ás 9 horas, já almoçadinho e muito barbeado, muito limpo, sempre com lindas gravatas, lá ia alegre e satisfeito para a sua repartição. Voltava ás quatro e meia em ponto.

E lá estavam as velhinhas, atentas, se teria apanhado sol, que estava constipado, que devia ter levado chapeu, porque de manhã choviscára, que talvez fosse melhor não tornar a saír naquele dia...

e ele sorrindo para ambas, dizendo-se sempre optimo, explendido, que a tosse não tinha importancia, e fazendo-as rir com as suas facecias, com a sua verve dos 19 anos.

Ás noites, quasi sempre, ia ao animatografo, era a sua extravagancia. Uma hora aprasivel que ele passava. Recolhia ás 11 horas, e ainda até á meia noite, a hora do chá, tinha de contar ás velhotas as fitas que tinha visto, recreando-as imenso com aquelas narrativas.

Ao domingo levantava-se mais tarde. Não, que eram os unicos dias que tinha para descansar! Ao meio dia o banho pronto e perfumado, em agua morna para se não constipar. Á uma hora o almoço e depois tudo ia passear. A creada tinha licença para o resto do dia, e eles lá iam jantar ao Estoril, outras vezes a Cintra.

Podia afirmar-se que o Miguel era um rapaz feliz. Amabilissimo com as raparigas, adorando-as a todas, um pouco timido talvez, mas os namoricos sucediam-se ainda que, até então, paixão, não havia por nenhuma. Era preciso que ele não escutasse os conselhos das velhas tias, que o cumulavam de desconfiança contra a mulher moderna! Nada! Passar o tempo sim, casar, isso não; pelo menos por emquanto. Estava tão novo ainda!

Pobre Miguel! Quem havia de dizer que este bom rapaz, iria assim parar áquele imundo Limoeiro! E então assim, de repente, como se fosse a cousa mais natural do mundo...

Ainda poderia ter sido por uma pegadilha com

qualquer atrevido, um máo encontro com alguma d'estas creaturas que só vêm ao mundo para implicar com os outros, que armam conflitos a cada passo, e a quem se lhe tornasse necessario dar algum correctivo, mas não, não foi nada d'isso. Foi preso justamente por uma cousa que o pacifico Miguel nunca faria, nem que vivesse 100 anos! por conspirador!

II

Deus nos livre de máus visinhos ao pé da porta! Parece que o Miguel nunca se importou com esse terrivel flagelo, porque se esqueceu de pedir, nas suas orações, para que Deus o livrasse d'esse mal. Pois não foi porque as tias lh'o não tivessem ensinado! Isso é que é verdade.

Mas contemos o caso: No 3.º andar da escada de Miguel morava um cocheiro da casa real, tratava-se bem e comquanto se mostrasse orgulhoso com a privança — aliás bem reduzida — com os grandes do paço, passava por boa pessoa, embora se embriagasse bastas vezes, o que o tornava *reinadio*, segundo a opinião dos visinhos, para quem se tornava mais familiar, deixando de parte os modos altivos de uma pessoa que sempre tinha a honra de guiar os carros onde iam quasi sempre os criados do rei.

O que este ilustre varão não podia, em todo caso, suportar, eram os republicanos. — Isso é que não;

dizia ele a quem o queria ouvir, batendo grandes murros sobre aa mesas da taberna, onde em geral abancava, e, mais ou menos, frequentada por serviçaes e moços das cavalariças da casa real, — o que o nosso governo devia fazer era mandar enforcar a todos. Corja!

Ora o conhecimento d'esta importante creatura com o nosso Miguel, era muito superficial, porque o rapaz, por uma repugnancia instintiva, evitava-o sempre que podia. Mas algumas vezes se encontravam á porta, e então falavam-se cordealmente e subiam juntos até á porta do Miguel, que era no 2.º andar, e ahi se despediam, subindo o cocheiro ao 3.º, onde morava.

Um dia chegou-lhe lá abaixo a mulher do visinho, muito aflita e chorosa.

O cocheiro fôra preso por ter atirado com os cavalos para cima d'um homem que deixara estendido na rua.

— Coitadinho! diziam as tias. O pobre homem é que ficou peior! como fez êle isso?

— Ora — dizia a mulher — *não foi por querer*. Ele estava embriagado, e depois o homem era um republicano e chamou-lhe *lacaio real*, e como ele tem um odio enorme a essa canalha, atirou-lhe com os cavalos para cima.

— Mas isso é infame! — exclamou o Miguel, — bem sei que a senhora não tem culpa, mas um republicano é um homem como outro qualquer.

E passeava pela casa muito agitado.

Então a mulher voltou-se para as velhitas e dis-

se-lhes, entre soluços, que aquilo fôra uma desgraça, que êle gastava tudo na taverna e agora nem sequer tinha dinheiro para lhe pagar a fiança. Se as suas boas visinhas lhe emprestassem essa quantia, se lhe valessem naquala aflição, servi-las-ia de joelhos toda a vida.

Elas desculpavam-se que não podiam valer-lhe, que tambem viviam com dificuldades.

Ela então abraçou-se aos pés do Miguel, dizendo-lhe que ficaria sem pão, pois se o marido não sahisse logo e lá no paço o viessem a saber, seria immediatamente despedido.

O Miguel sentiu um dó imenso pela pobre creatura, que lhe chorava aos pés e como tinha algumas economias, porque do seu ordenado pouco ou nada gastava, foi buscar 20$000 e deu-os á mulher, exclamando: olhe que faço isto só por si, porque o seu homem não merece nada.

As tias comoveram-se com o bom coração do sobrinho e não ralharam.

A mulher partiu radiante, e o cocheiro, á noite, foi dar-lhe um abraço mostrando-se muito grato e prometendo pagar logo que tivesse dinheiro.

Veio a Republica. O cocheiro dançou na rua, de regosijo. Por covardia, ou por bebedeira? Talvez por ambos os motivos. A verdade é que, com pasmo de toda a visinhança, deu morras á monarquia, de quem tinha vivido e deu vivas aos republicanos, que o seu odio d'antes esmagava.

Dentro em poucos mêses tinha um logar qualquer de confiança do governo, onde auferia bons lucros.

É claro que o Miguel ainda não estava pago dos seus 20$000 réis, embora por mais d'uma vez, timidamente, lh'os tivesse lembrado, ao que o outro sempre lhe respondia com evasivas ou desculpas.

Agora porém que o ex-cocheiro estava um figurão, o rapaz apertava mais com êle, porque emfim, não era rico e estava a juntar para uma viagenzita a Paris. Mas qual! o *grato* visinho, agora, já lhe respondia altivamente.

— Que esperasse, que diabo! uma porcaria d'aquelas, nem valia a pena falar-se nisso.

Ultimamente, quando lhe passava por pé da porta, escarrava com força, e a mulher, a que se abraçara a chorar aos joelhos do Miguel, tinha risos ironicos e trocistas quando encontrava a criada do 2.º andar no talho, a comprar meio kilo de carne para coser.

— Que pelintrice! dizia ela, levando sobraçada uma perna de carneiro.

Quando alguma das velhinhas punha á janela a secar umas camisas do rapaz, muito bem engomadas, a antiga monarquica deitava-lhes agua, ou cuspia-lhes em cima, o que afligia imenso as pobres creaturas, principalmente a mais nova, que era quem as engomava, tinha 65 anos e sofria do coração.

Um dia o Miguel, já farto de ouvir queixas, encontrando-se com o recente republicano, disse-lhe que ainda íam ter um desgosto, se as coisas continuassem assim.

Terminou acusando-o de ingrato.

— Que me não pague — exclamava o rapaz — vá,

já nem penso nisso, mas que, ainda por cima, insulte as minhas pobres tias, é repugnante e reles: e eu, com risco de ir preso, ainda lhe parto a cára. Entendeu bem? E olhe que se não o fiz já, é por amor d'elas, para não lhes dar mais desgostos.

O outro era covarde, olhou-o torvo e casquinou num riso máu:

— Tudo isto por uns porcos 20$000 réis... até mete nojo! deixe estar que os não perde!

— Sabe que mais? — Volta o Miguel, com uma pronunciada expressão de despreso — afinal, nem me posso admirar que isto succeda. Que diabo lhe fiz eu comparativamente com os favores que recebeu dos seus amos? A ingratidão foi sempre apanagio das almas baixas; guarde o dinheiro e faça de conta que nunca me conheceu. Já é favor.

E voltou-lhe as costas.

O outro ameaçou-o já de longe, de punho cerrado e gritou-lhe:

— Deixa estar!... Thalassa!

III

Agora, ali sósinho, quando as velhinhas saiam de o visitar e êle via afastarem-se aquelas figurinhas, vestidas de preto, muito pálidas e lacrimosas, que lhe haviam contado quanto as fazia sofrer a atmosfera de ódio em que os vizinhos malditos do 3.º an-

dar ainda as envolviam, ao pobre rapaz, levantava-se-lhe o peito em ancias sufocantes de reprezálias contidas, sentindo todo o horror da sua fraqueza e impotencia.

Uma noite, encostado á pequena mesa de pinho que guarnecia o seu exiguo quarto, numa trapeira do sujo casarão que se chama cadeia central de Lisbôa, rememorando as scenas doces e harmoniosas da sua vida passada, com os olhos humidos de lagrimas, na recordação dêsses anos tranquilos, decorridos entre os dois afectos que o acalentavam, tempos ainda tão proximos, mas que a situação presente lh'os afigurava tão longinquos, quando foi despertado daquela espécie de sonho, por um barulho inesperado e confuso.

Gritos, imprecações, gente que parecia fugir, corpos rolando no chão, uivos, gemidos, como que um montão de pessoas que se esmagam, esfaqueiam, estrangulam, ou fogem espavoridas ante um perigo qualquer inesperado... um sinistro talvez.

Os cabelos puzeram-se-lhe em pé. A ideia dum incendio acudiu-lhe ao pensamento como um latego a fustigar-lhe o cerebro. Correu para a janela, numa angustia indescriptivel, os dedos enclavinharam-se-lhe nas grades, ao sentir o contacto d'essa barreira invencivel.

Do Tejo, centos de olhos fosforescentes pareciam olhál-o com terror!...

Luzinhas oscilando nos barcos como se estremecessem pelo perigo que o ameaçava a êle... O suor inundava-lhe a fronte numa agonia inconfundivel.

Voltou, cambaleando, para a porta, abriu-a, e logo deparou com uma scena de inqualificavel horror:

Guardas levavam creaturas ensanguentadas que se tinham esfaqueado, presos, que numa lucta de animaes ferozes, liquidavam odios de momento, questões de ocasião, saldadas ali, a murro e á facada.

Nessa noite não dormiu, numa agitação febril revolvia-se na enxerga de palha, não podendo conciliar o somno. Só quando os pálidos clarões da aurora começavam a invadir o quarto, entrou nesse amargo torpor que precede os somnos pesados do infortunio.

Mas procedia-se á contagem dos presos: umas pancadas secas á porta avizaram-no que tinha de entrar na fórma, como todas as madrugadas. E o mísero Miguel lá foi, nessa manhã, a tiritar num frio nervoso, embrulhado no comprido casaco que as tias lhe tinham mandado para a prisão.

Ao voltar para a cela, atirou-se para cima da cama, prostrado, sem forças quasi para pensar. Mas como uma infelicidade nunca vem só, estava escripto que o infeliz *conspirador* não poderia dormir nessa manhã. Era dia de banho.

— Toca para o banho! — grita-lhe uma voz grossa e áspera.

Agora é que foram elas. Agulheta em riste, zás! Um esguicho medonho fê-lo dar um grito, e era tão forte e gelado, tão intenso para aquele pobre corpo franzino, espreitado pela tuberculose, que o fez cambalear, gelando-o até aos ossos, obrigando-o a erguer os braços numa sufocação que o punha louco de sofrimento.

Ao chegar ao quarto, desatou a chorar; não podia mais.

Nesse dia, quando as velhinhas, muito pálidas, o abraçavam, naquela visita regulamentar do meio dia ás duas horas, ficaram muito aflictas porque o pobre Miguel ardia em febre e tinha os olhos vermelhos das lagrimas.

Á saída ainda as acompanhou até ao fim do corredor, querendo fazer-se forte para as não molestar mais. E elas, todas tremulas, caminhando entre aquele bando enorme de gente, que tem de saír junta e á mesma hora, empurradas por creaturas asquerosas, que as troçavam e magoavam, que lhes batiam com os cestos nas costas, casquinando facecias ignobeis, comentando os seus modos receiosos e a limpeza do seu vestuario, agarravam-se uma á outra, no balanço d'aquela onda humana, sentindo, cheias de nojo e angustia, o contacto de todas aquelas sujidades, e o bafo fétido e nauseante do vinho azedo e das bocas mal tratadas.

E isto todos os dias, todos os dias! Muito unidas, muito juntinhas, as duas fracas creaturas, que eram, em todo o caso, o unico amparo do desgraçado rapaz, respiravam emfim ao chegarem cá fóra, quando se abria a ultima jaula á saída d'aquela massa de gente; mas voltando os olhos para o tenebroso edificio, soltavam o mesmo suspiro doloroso, caminhando ambas chorosas e desalentadas com a lembrança do seu filho, do seu pequeno Miguel, que ali lhes ficava sofrendo.

E todos os dias este calvario inconcebivel, mas

naquele mais horrivel ainda, porque êle lá ficava doente e sem lhe poderem valer.

Os viandantes passavam indiferentes, e alguns riam... Duas velhas a chorar!... que cousa tão ratona! Se fôsse numa fita de animatografo, talvez despertassem interesse, mas ali, nas ruas, que disparate! E já tinham sorte em não serem apupadas...

No outro dia, lá estava o Miguel na enfermaria; o infeliz delirava na intensidade da febre.

Julgava-se então o Paiva Couceiro, sim, era êle, a desfazer soldados da Republica, a tentar incursões, rodeádo de conspiradores e, entrando, por fim, triunfante na capital, a gritar:

— Abaixo os rebeldes! Corramos ao Limoeiro. Abaixo esse maldito antro do vicio e da desgraça! Não deixem pedra sobre pedra. Soltem os presos, todos, todos! Que não fique lá o nosso Miguel! Tudo para a rua... A Bastilha tambem caiu. O Limoeiro cairá emfim!...

Como era possivel agora, ás pobres velhinhas, que o ouviam aterradas, provarem, com a simplicidade das suas lagrimas e queixumes, que êle não era, depois d'aquelas palavras *subversivas*, o mais temivel dos conspiradores?

Oh! não, pobres creaturas, não valia a pena cansarem-se! Tudo impossivel, tudo inutil. Pois se êle havia confessado! Se a febre o tinha atraiçoado e... mesmo sem querer, tinha dito tudo...

IV

No dia do julgamento lá estava o denunciante. O antigo lacaio da casa real.

Com um sorriso satisfeito, o seu escuro bigode, á semelhança d'um rato imundo, sobre uns beiços delgados e lívidos, irriçava-se-lhe de vez em quando, na alegria selvagem e cruel de vêr o antigo bemfeitor perdido, a pobre creança que o salvara da fome, em troco dos 20$000 reis, agora roubados e que já não lhe seriam exigidos.

É claro que a carga que lhe fez foi medonha.

Em casa das velhas reuniam-se pessoas finas, tudo thalassas.

O rapaz recebia cartas dos conspiradores, uma das quaes, interceptada pelo ex-cocheiro, era terrivelmente comprometedora. Pudéra! Pois fôra o proprio Paiva Couceiro quem a escrevera, o imprudente!

Tão parvo e ingenuo que apenas disfarçou a letra e mandou-lh'a, muito naturalmente, pelo correio de Lisbôa, quando uma vez por aqui passou, oculto. Pois então? Era uma revelação importante! O antigo lacaio sabia cousas inauditas!

Era um homem prestimoso!

Estava mais que provado que o Miguel era um dissimulado e por isso mesmo, um temivel conspirador. Tinha 19 anos, é verdade, mas que importava isso?

Essa edade tambem a tiveram os maiores criminosos.

Não houve meio de o salvar. A carta escrita pelo proprio cocheiro, que fôra o seu unico autor, era esmagadora.

O advogado, se continuava a defendê-lo com muito calor, seria tozádo á saída.

Era preciso cuidado. O juri tambem não esteve para se meter em trabalhos...

O rapaz foi condenado em dois anos de prisão maior celular, seguidos de oito de degredo.

Miguel, uma sombra do que fôra, tão palido e abatido que mais parecia um velhinho do que um rapaz na flor da vida, cambaleava ao levantar-se do banco maldito, ouvindo a sua sentença de morte...

Olhou para as pobres velhinhas, que soluçavam e levou aos labios o lenço que ficou tinto de sangue.

Elas tremiam, caminhavam atraz d'ele, d'olhos esgaziados, faces lividas, as mãositas, descarnadas, apertando-se convulsamente...

Á porta, quando o meteram no carro celular, a mais nova tombou docemente... e a outra, a mais velhinha e enrugada, só encontrou de encontro ao peito o cadaver da irmã, da outra mãe do seu Miguel que com êle lhe desapparecia tambem, para sempre...

. . . .

Passados dias, nada restava do pobre amanuense, senão mais um numero na Penitenciaria e uns olhos, quasi cegos de chorar, que se divisavam, embaciados, atravez dos buracos da mascara maldita.

E emquanto a mais nova das velhinhas dormia o seu ultimo somno, á sombra dos ciprestes, ali, no cemiterio dos Prazeres, mais proxima do seu Miguel, a outra, a que sobrevivera, vagueava, mais distante, por aquela casinha solitaria e desconfortada, outr'ora tão feliz, sorrindo vagamente para o retrato do sobrinho que o representava aos 15 anos, todo sorridente e gracioso e ali estava a segui-la com o seu olhar meigo e bom.

Lampejos do passado que surgiam, por vezes, no cerebro adormecido da pobre idiota...

E êle? Êle... que importa saber?... Tinha sido feita justiça e a sociedade estava satisfeita.

RAIZES DO CORAÇÃO

RAIZES DO CORAÇÃO

I

Maria Adelaide andava febril e aflicta havia uns tempos a esta parte.

O marido enganava-a.

Ao principio foram simples suspeitas que ela porfiava em afastar do seu espirito, como geralmente sucede quando trazem desgosto; mas em breve a certesa era fatal, não havia meio de conservar a ilusão.

A pobre rapariga, apertava a cabeça entre as mãos e scismava, desolada, na fórma de livrar o marido da horrivel obsessão que o dominava.

E então, com quem a afrontava êle! Com uma mulher baixa e tôrpe que era de todos! Uma repugnante tolerada!

E a alma enchia-se-lhe de tédio por êsse homem, que, mau grado seu, não deixava de amar. Afinal, era o pae dos seus filhos.

E esta ideia desculpava-a a seus proprios olhos do sentimento que ainda a torturava de ciumes, pelo ente que deveria despresar.

Como era que a pobre Maria Adelaide poderia explicar o desvario do seu João?

Ela, de sentimentos tão puros, tão honesta e simples, poderia lá nunca compreender semelhante anomalia?

— Ainda se fosse por outra mulher, murmurava ela, mas uma perdida!...

E comtudo, embora todo o seu sêr se revoltasse perante tal monstruosidade, tinha de a aceitar como uma inexoravel verdade.

O marido, outrora tão honesto e dedicado, era o relaxado amante de uma rameira.

E como estava mudado, meu Deus!

De bom operario que fôra, tornára-se um indolente e descuidado.

Já tinha sido despedido, e fôra ela que conseguira, á força de pedidos, que o tivessem readmitido.

Até no afecto pelos filhos tinha mudado.

Olhava-os agora com indiferença, quando dantes era louco por êles.

E então para com ela? O seu procedimento chegava a ser revoltante.

Tornára-se grosseiro e mau. A tal ponto, que parecia, por veses, odiá-la.

E comtudo, o seu ultimo filho ainda não tinha dez mezes! Tão pequenino ainda, e aquêle pai, outrora tão carinhoso, nem uma caricia já lhe fazia!

Que horror de vida!

Como podéra uma paixão, tão baixa e degradante, endurecer o coração do seu homem, antes tão bom e afectuoso?

E os ralhos sucediam-se, e ás invectivas as lagrimas, tornando aquela casa num verdadeiro inferno.

Êle cada vez mais brusco, mais arredio e cruel, perdera até a noção do seu dever, pois que no pouco que lhe dava, parecia fazer-lhe um favor. Só vinha a casa comer e dormir. Talvês ainda para aproveitar a pequena parcéla que dispensava do seu ganho, na manutenção da misera familia.

Enquanto ela trabalhava até não poder mais para manter uma certa ordem, na casa onde o pão escasseáva, êle vivia na mais estupida indiferença por tudo o que o rodeava. Encontrar a comida feita e um certo conforto em casa, nada mais o preocupava, sem atentar nos sacrificios que a mulher tinha de fazer para que tal sucedesse, nem nos sulcos que as lagrimas do desespero deixavam nas faces emagrecidas da pobre Maria Adelaide.

Todas as tardes o João, ao terminar o jantar, puxava pelo cigarro, acendia-o, e sem olhar para os filhos, sem uma palavra de despedida, sahia, atirando com a porta, levado pela obsessão que o atrahia para a ignobil criatura que o esperava lá fóra.

Ultimamente já não tinha de caminhar muito para se encontrar com a amante, porque ela, com o maior cinismo, esperava-o á esquina da travessa onde êle morava, caminhando depois os dois lado a lado até á mais proxima taverna, onde ela, em requebros de grosseira e atrevida lascivia, entre copinhos de genebra e aguardente, que êle pagava, o fazia esquecer completamente dos seus mais sagrados deveres de pai e esposo.

As coisas estavam neste pé, quando, uma tarde, chegando a casa, ao regressar do trabalho, na ancia de comer e partir para onde a fatal demencia o impelia, encontrou a mulher deitada sobre a cama a tremer, cheia de febre.

O jantar por fazer, e a pequenita mais velha, que tinha 7 annos a mourejar pela casa, cuidando nos irmãositos.

Olhou torvo em volta, sentindo uma surda irritação pela falta da sua comodidade.

Então que significava aquilo? nem as sopas encontrava em casa? Para que lhe servia a mulher?

— Estou doente — murmurava ela; — não posso comigo, tem paciencia!

— Tem paciencia! Sim? Olha que diabo! arremetia o homem com violencia. Vá para o hospital! Se lhe dá agora a manha para se fazer doente, estamos arranjados.

— Manha! — gemia a pobre, — Deus te não castigue, João!

— Lá vêm as pragas! já cá faltavam! — barafustava êle, cada vez mais irritado; e dando grandes passadas pelo quarto, continuava: — Estou farto! que inferno! Quem é pobre não póde ter o luxo de estar doente. Isso é para os ricos. Tambem não admira: sempre lhe deu para as finuras... só cá faltava mais esta. Que grande espiga!

Ela agora não respondia; olhava-o fixamente. As fontes latejavam-lhe na angustia d'essa tremenda injustiça que a flagelava.

Os filhos choravam em volta do pae.

Êle, sentindo-se mal nesse ambiente de desgraça de que era a principal causa, parou por um momento diante do leito onde a mulher permanecia e, encolhendo os hombros desdenhosamente, encaminhou-se para a porta.

Ela então chamou-o:

— João, ó João! Que hei de fazer? Não posso comigo! vem cá!

Êle parou; a pequena, prendendo-se-lhe ao casaco, choramingava:

— Pae! venha, ande! a mãe está doentinha!...

Então êle, afastando a filha brandamente, dirigiu-se, com uma expressão enjoada, para a cama, onde a mulher estava meio erguida, e disse-lhe rudemente:

— Que ha mais?

— Onde vais tu? perguntou ela numa voz enfraquecida.

— Tem graça! — chasqueou ironico, dêm-lhe ainda satisfações, á *madama!* Onde vou! onde me dêm de comer; porque isto aqui é só entregar a féria á mulher, que acha sempre pouco, para nem umas tristes sopas encontrar em casa!

— Mas isto sucedeu hoje... a todos acontece.

— Isso, nunca! — bradou êle. — As mulheres dos outros ajudam os homens, não estão estendidas na cama, á boa vida.

— Meu Deus, João! que injustiça! Os outros, quando as mulheres adoecem, ajudam no que podem: os pobres sujeitam-se á sua sorte. A pequena alguma coisa te póde fazer já, faze tu o que ela não puder.

— Ah! pois está-se a ver! — interrompeu êle. —

Só me faltava agora pôr a panela ao lume e ir coser as meias...—E arremessou com o cigarro ao chão, enraivecido com as proprias palavras.

Depois, tendo nos labios a expressão do mais cruel despreso, disse-lhe:

— Olha, minha *grande dama,* se não fossem os filhos, estas pobres creaturas que para ahi estão a chorar e me moem como os diabos, tu já de ha muito não comias nem uma parcela do meu rico suor, entendeste?

— Sim, sim, entendo! — soluçava ela. — Isso já eu sei! Bem se vê que essa maldita, sem vergonha, te transtornou o juizo... para assim falares á mãe dos teus filhos!...

— Sem vergonha és tu — regougou êle.

Ela enfiou.

— João! João, cuidado! — gritou-lhe com a voz estrangulada pela colera, — por causa d'essa perdida, que te põe louco, não me insultes, toma cuidado! — E sentou-se na cama, subitamente afogueada.

Mas êle, numa obsessão bestial, cresceu para ela, de punho fechado, os olhos lançando odio, e berrou:

— Atrevida! ameaças-me! tu ainda me ameaças? Pois então ouve o que nunca ouviste: Sim, é verdade, tenho essa mulher, sim! gosto d'ela, porque a ti odeio-te! Não me serves para nada. Estou farto das tuas delicadezas, dos teus modos de princeza, que não te impedem de comer o pão que eu ganho. E qualquer dia, ouves? qualquer dia abalo d'este inferno e vou ter com a outra, que me não

rala, que não chora e que vale mais do que tu... que ao menos ganha dinheiro...

Ela levantou-se num impeto de furor. A revolta d'aquela alma delicada manifestou-se d'uma fórma terrivel. Livida, as mãos crispadas, o olhar chamejante fixo nêle, bradou numa voz enrouquecida, dilacerada pela dôr e pela vergonha:

— Ah! miseravel! infame! perdido! És digno d'ela, sim, e eu agora é que te odeio!... eu é que te odeio!...

O chale que tinha sobre os hombros cahira-lhe ao chão, deixando ver o seu peito arquejante, sob a camiza que mal o tapava; e aquele seio branco e casto, onde o seu ultimo filho ainda procurava o alimento, estremecia em ondas de infinito odio por esse miseravel, que, na mais estupida das perversões, lhe lançára um tão vil insulto ás faces, comparando-a, a ela, a esposa impecavel e mãe honestissima, á mais impudica rameira.

Completamente alucinada, correu para a mesa que estava proxima e, pegando numa faca, avançou para o marido, que, atonito, recuava.

Ela tinha no olhar o mais intenso odio e de seus labios, descerrados numa crispação de asco, soltou-se uma risada escarninha, estridente e sinistra...

Teria enlouquecido? Êle assim o supôz, e, aterrado, precipitou-se para a porta da escada, que se fechou com estrondo.

Maria Adelaide estacou.

Os filhos gritavam, perdidos de medo.

A infeliz olhou-os um instante e largou a faca.

Teve uma ligeira hesitação, mas, presa d'uma alucinação medonha, levou as mãos á cabeça e precipitou-se para a janela, lançando-se do segundo andar abaixo.

O seu corpo foi bater nas pedras da calçada, ante o olhar espavorido do marido, que mal tivera tempo de sahir a porta da rua.

Ele então, possuido d'um terror indescritivel, sentindo as punhaladas do remorso a alanceá-lo, ergueu-a nos braços, tremulos de aflição, e numa vertigem louca, antes que lh'o impedissem, transportou-a, correndo pelas escadas acima, aconchegando aquele corpo exangue, mas ainda palpitante, ao seu coração, numa ancia desesperada de prender essa vida, que temia lhe fugisse, emquanto a beijava desvairadamente, gritando:

— Adelaide! minha querida mulher! tu não morres, não?... filha da minha alma! tu não morres...

Mas ao transpôr a porta do quarto, ela descerrou os olhos, pousou-os na filha que soluçava e murmurou:

— Os filhos... os filhos...

Em seguida expirou-lhe nos braços.

II

Já noite cerrada e ainda á porta estacionava uma parte dos curiosos que a policia não tinha podido fazer dispersar de todo.

Eram agora só os visinhos que, mal a policia desaparecia, tornavam a sahir das suas portas para novamente se juntarem a comentar o caso.

O auditorio compunha-se *apenas* de quasi toda a visinhança que, *em familia*, trocavam as suas impressões.

Estava, pois, o soalheiro em grande gala. Ferviam as hipoteses, qual d'elas mais tola e hipocrita, não faltando os respectivos louvores á infeliz Maria Adelaide, logo que tiveram a certeza de que havia morrido.

— Pudera! — dizia a capelista defronte — pois aquilo era lá vida! O atrevido do marido até lhe batia, o malvado!

— Lá bater, não digo, mas fartura de fome é que êle lhe dava, pela certa — alvitrava a taverneira da travessa proxima. — Só em copinhos de genebra para obsequiar a Russa, gastava êle quasi a féria toda.

— Sim? Coitadinha! — lastimava a criada do primeiro andar. — Por isso eu não me quero casar! — E olhava para o rapaz do talho, acrescentando com um ar malicioso: — Quando pretendem, são todos bons, depois... Nada! que isto da gente dar com um homem tão reles que nos troque por uma tipa, é obra!...

— E que tipa! O' menina Francisca! se a visse quando ela está bêbeda, até a gente se enche de riso! E' uma pandega de estalo... Isso é que ela é!...

A Francisca olhou-o de má catadura e, despeitada, inquiriu:

— Sério? então você parece que tem *óservado* isso muita vez, hein?

O rapaz envaidecido pelo ciume que despertara, respondeu benevolo:

— Ora Francisquinha! vómecê bem sabe quem eu gosto de *óservar!*...

Valeu-lhe um sorriso satisfeito da rapariga.

O auditorio teve gestos de impaciencia. Que vinha agora aquele dialogo desviar a atenção do assunto principal?

Então a creadita da capelista, que não via a outra com bons olhos, retorquiu muito azêda:

— Olhem p'ra aquilo! estar agora com asneiras quando se trata d'uma coisa tão séria! Até com as crianças se faz tôla! Cabra!

— Cabra é ela! — grita a outra, furiosa. — Antes crianças que homens casados. A sujeita que até se enfeitava para o marido da pobre Maria Adelaide!...

— Você é capaz de me dizer isso na minha cara! — vociferava a outra.

— *Tá bon!* Como se eu não estivesse á cóca ali da janela, quando êle ia ao estanco comprar os cigarros! É milhor que se cále, ande!

— Ó sua atrevida, mas você viu? diga, diga, ande, você viu? — perguntava a da capelista, muito atrapalhada.

— Olhe: com estes. Respondia a outra, repuxando com os dedos a pálpebra inferior de ambos os olhos e avançando para a rapariga. Mas as visinhas empurravam-na para a porta, interceptando a passagem á rival que a ameaçava de punhos fechados, enquanto

a assistencia se unia mais para continuar no assunto palpitante.

Mas tinha de sêr. Tinham de terminar os comentarios dêsse dia, porque os homens da justiça desciam lá de cima e a policia vinha afastar os comentadores, intimando-os a recolherem a suas casas.

III

Já a noite ia a fugir nos primeiros alvores da madrugada.

Em casa da pobre Maria Adelaide reinava o mais sinistro silencio.

O quarto estava apenas alumiado pela luz mortiça e vacilante de duas velas de côra que ardiam aos lados da cama, onde jazia o corpo da infeliz, coberto até ao pescoço por um lençol.

Os cabelos escuros, esparsos sobre o travesseiro, faziam sobresair a lividês cadaverica do seu rosto emagrecido e d'uma serenidade comovedora...

O marido velava-a.

Com os cotovelos fincados sobre uma meza, estava em frente do leito, com a fronte escondida entre as mãos.

Os pingos de cera derretida que tombavam das velas faziam-no estremecer.

Olhava então demoradamente para o rosto da sua

victima, cujas feições se lhe afigurava ver moveremse á luz trémula das velas, e o peito erguia-se-lhe em ancias sufocantes. Dirigia-se então para a janela, encostando a face esbraseáda aos vidros, que começavam a empalidecer aos primeiros alvores da manhã.

Depois, um pouco mais sereno, voltava a sentar-se, retomando a primitiva posição.

A pequenita dormia numa cadeira de verga que estava ao canto do quarto, abraçada ao irmãosito de 3 anos.

Não quizera ir deitar-se no seu quarto, cheia de vagos temores e inquietações que lhe agitavam o peito em fundos suspiros, mesmo adormecida no seu somno nervoso e assustado.

Á creança de 9 mezes, que ainda ficava com a mãe, tinham-lhe feito uma caminha no chão, onde dormia nessa noite.

Ali estava toda a mísera familia em volta do leito mortuario... E enquanto o pai velava, os filhos dormiam o somno fugaz da vida ao pé do eterno somno da morte.

De subito o silencio da rua foi interrompido por uma altercação.

Vozes avinhadas trocavam palavras confusas.

Frases licenciosas cortavam o espaço, de envolta com risos desbragados.

De repente, as vozes sumiram-se e os sons melancolicos de uma guitarra evolavam-se no silencio da madrugada.

Uma voz enrouquecida, de mulher, cantava:

Quem se lembra que a perdida,
na sua vil desventura,
antes de má já foi pura
e antes de vil, desvalida!...

Todos lhe cospem na sorte,
ninguem no mundo lhe fála...
Na terra só tem a vála,
o charco imundo da morte!...

Êle levantou-se, reconhecera a voz da amante.

Do leito mortuario parecia que se evolava um suspiro. João estremeceu e olhou na direcção. O peito da morta afigurou-se-lhe soerguer-se sob o lençol que o envolvia, e a luz das velas, oscilante e amortecida, projètando sombras no seu rosto macerado, parecia agitar-lhe as pálpebras, como se d'elas fossem desprender-se lagrimas, prestes a rolarem pelas faces pálidas, d'uma serenidade magoada...

E êle sem poder despregar os olhos d'aquêle rosto querido, enclavinhava as unhas no peito.

Lá fóra a voz proseguia:

Flor impura e sem fragrancia,
fanada pela desgraça,
no egoismo que passa
e a desfolhou na infancia.

A guitarra gemia em languidos acordes e a voz continuava arrastando-se tristemente, já um pouco distanciáda:

Ai! quem acode á perdida!
que arrasta a vida tão nova
e só descansa na cova,
que é menos triste que a vida...

Maldição!. Que grande infame que êle fôra! E por causa *d'aquilo,* jazia ali morta, inanimada, a sua pobre companheira, a casta mãe de seus filhos!

Então dando um murro no peito, cheio de desespero, abriu a gaveta da mesa e tirou de dentro um revólver, lançando um ultimo olhar para o leito... Mas um ligeiro ruido, como de umas azas que se arrastam, fê-lo estremecer. Um subito terror o assaltou e trémulo, de olhar esgazeado, olhou em volta...

O pequenito de 9 mezes caminhava, de gatinhas, para êle. Ao chegar ao pé do pai, que o olhava a tremer, agarrou-se-lhe a uma perna, erguendo-se com dificuldade. Depois, muito unido a êle, olhando-o a sorrir, com a loura cabecinha um pouco ao lado, murmurou, numa voz muito meiga: — *Tai!...*

Era a primeira palavra que os seus inocentes labios balbuciavam.

E o pai que êle invocava, largando o revólver, teve um soluço enorme. Sentiu todo o pranto que até então lhe esmagava o coração, subir-lhe, numa onda salvadora aos olhos, e num ímpeto apaixonado, quasi selvagem, levantou o filho nos braços, beijando-o sofregamente.

Lagrimas, como punhos, soltavam-se-lhe dos olhos, até então resequidos, vindo caír nas faces rosadas da criança.

A filha olhava-o assustada, da cadeira onde tinha

despertado, e vendo o pai a chorar, correu para êle, com o outro irmãosinho nos braços, escostando-se-lhe aos joelhos e chorando em silencio. Êle então, unindo-os a todos num abraço anciado, exclamou:

— Filhos! filhos! Como pude pensar em deixar-vos? Filhos da minha alma, *raizes do meu coração!*...

Sempre com o mais pequenino abraçado, impeliu os outros para a beira do leito onde jazia a desventurada mãe, e, ajoelhando ao lado da cama, com os labios colados nos longos cabelos d'ela, soluçava:

— Perdão! Perdão!...

A pobre morta, na sua serenidade magoada, parecia agora sorrir!...

Sorria lá da Eternidade, onde tudo, ao que parece, tem perdão...

INDICE

INDICE

Pag.

Chuva de flores 7
A Roleta 11
Os Cadilhos 35
O Charuto. 51
A Cotovia. 63
O Comunista 77
Maria Julia 91
Uma revolução na floresta 105
O Conspirador. 121
Raizes do coração. 139

Obras da mesma autora:

Glycinias

Bandeira Portuguesa

Papoulas

No prelo:

Sombras

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand.
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.